

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA-UNESP**  
“Júlio de Mesquita Filho”  
Campus de Ourinhos

DAIANE VAZ VIEIRA

**REPENSANDO A FORMA DE ENSINAR GEOGRAFIA: APLICAÇÃO DE  
ALGUNS PRINCÍPIOS DA ESCOLA DA PONTE EM UMA ESCOLA PÚBLICA  
DE ASSIS/SP**

OURINHOS/SP  
2016

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA-UNESP**  
“Júlio de Mesquita Filho”  
Campus de Ourinhos

DAIANE VAZ VIEIRA

**REPENSANDO A FORMA DE ENSINAR GEOGRAFIA: APLICAÇÃO DE  
ALGUNS PRINCÍPIOS DA ESCOLA DA PONTE EM UMA ESCOLA PÚBLICA  
DE ASSIS/SP**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à banca examinadora para  
obtenção do título de Bacharel em  
Geografia pela Unesp – Campus  
Experimental de Ourinhos.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Cristina Reinaldo Gimenes De Sena

OURINHOS/SP  
2016

**Banca examinadora**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Cristina Reinaldo Gimenes De Sena (Orientador)

---

Prof. Dr. Amir El Hakim de Paula

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Érika Porceli Alaniz

---

**Ourinhos, 03 de Junho de 2016.**

## **Dedicatória**

*Dedico este trabalho a todos que contribuíram direta ou indiretamente em minha formação acadêmica. Ao meu filho amado Arthur, para ele que me inspira, à vida e ao seu sentido.*

## **Agradecimentos**

A Deus, por tudo.

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, em especialmente:

Ao meu filho Arthur, o maior presente que Deus me mandou ainda na graduação, fruto de um momento especial da minha vida, o qual permitiu me conhecer e reconhecer que sou uma mulher forte e cheia de sonhos.

A minha família, meu pai Joel, minha mãe Elenice, dos quais devo minha existência a e não consigo imaginar este momento sem eles ao meu lado, sempre sonharam e lutaram pela nossa família, e pelos meus estudos nos momentos difíceis e nos momentos de alegria. As minhas irmãs Eliane e Ana Paula, aos meus sobrinhos Moisés e João Francisco, ao meu namorado Matheus Giansante, aos meus tios, José Carlos, Zilda e Rosana, que sempre me olharam com orgulho, carinho e respeito. Não tem como esquecer -me de meus primos, Débora, Danilo, pois foram meus primeiros alunos nas brincadeiras de escolinhas improvisadas no quintal de nossas casas em minha doce infância.

À UNESP – Campus de Ourinhos e a todos os funcionários e professores, em especial a minha orientadora a professora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Cristina Reinaldo Gimenes De Sena, pela paciência e dedicação ao meu trabalho, assim como todo o período que fiquei trabalhando nos projetos de Cartografia Tátil, para mim uma parte humana e de pleno cunho científico importante em minha formação, obrigado por todo apoio e por acreditar em mim. Não me esquecerei de um de seus discursos em formatura do Campus em que comentaste que era a única doutora de sua família em determinada época, assim espero seguir seus passos, pois sou a única graduada de minha família de convivência próxima dentro de minha realidade.

A professora Roberta que me acolheu e me ensinou durante todas as etapas do estágio de regência na escola Léo Pizzato do Município de Assis/SP, como deve uma professora de Geografia diante de seus alunos. A minha comadre e amiga Franciele Cabelo e o meu grande amigo Mario Sergio “o Marius” incentivos e horas de parceria nos estudos da graduação bem aproveitada de seus 5 anos e me compreendem nos momentos difíceis, penso que ganhei uma irmã e um irmão. Aos colegas inesquecíveis durante os quatro anos faculdade, Alessandro, Edeval (Ximbinha) e sua esposa Agaildes e ao Olímpio. Aos meus alunos, do 7<sup>a</sup>A do ensino Fundamental, Camila, Lidiane,

Marcos Teixeira, Marcos Alexandre, Marcos Rocha, João Pedro, João Vitor, Jheniffer, Giovanna, Juliana, Ana Vitória, Victor, Vitor Estevam, Thainá, Samuel e Maria Vitória, pela parceria e dedicação aos trabalhos nas aulas de Geografia no ano letivo de 2015, em pleno meu primeiro ano em sala de aula, a frente como professora de Geografia, fizeram das minhas aulas verdadeiros laboratórios de conhecimentos científicos, meus agradecimentos se estende aos meus alunos dos outros anos do qual tive o prazer de lecionar e firmar verdadeiras amizades.

A Escola Estadual Dom Antônio - Assis/SP recebam o meu carinho e respeito mais do que especial, pelos seus competentes profissionais, dos quais também eram meus colegas de trabalho, e conselheiros profissionais como, Rose Cléria (Coordenadora), Dona Célia e Dona Maria Helena (Diretoras), Mara (Professora Mediadora), Ronise (Sala de Leitura), Cris (Apoio limpeza e cozinha), Jaino (Sala de Informática) e aos professores, enfim só tenho que agradecer, pois receberam o meu trabalho de conclusão de curso sem reservas, sempre com seriedade.

A escola municipal Amorim Lima - São Paulo/SP pela oportunidade concebida de conhecer e de me receber e assim trabalhar com esta temática educacional, eu que sou suspeita, pois pode parecer engraçado, mas, amo escola, amo os alunos, amo a educação, amei estas escolas, amei minha escolha de pesquisa, acredito na melhoria da educação no país e principalmente amo estudar, tive e só tenho que agradecer a todos os professores que em minha vida passaram, pois me ensinaram a acreditar, a buscar o mundo que não se encontra somente dentro de uma sala de aula. Sinto-me realizada por poder transmitir meus conhecimentos e experiências hoje aos meus carinhosamente “meninos” e por este trabalho.

Meus Agradecimentos.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	12
1.1 Estágio Regência: Conhecendo a Metodologia da Escola da Ponte “EMEF Presidente Campos Salles”.....	13
1.2 EMEF Desembargador Amorim Lima: Uma Experiência dos Princípios da Escola da Ponte14	
1.3 A E.E. Dom Antônio José dos Santos.....	18
2. OBJETIVOS.....	25
2.1 Objetivo geral.....	25
2.2 Objetivos específicos.....	25
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	26
3.1 Estrutura de Ensino do Estado de São Paulo: O Ensino de Geografia nas Escolas Atuais, Avaliação e Políticas Educacionais.....	26
3.2 A Metodologia e os Princípios da Escola da Ponte .....	36
3.3 Fazer a Ponte: o Princípio da Solidariedade.....	41
3.4 Fazer a Ponte: O Princípio da Autonomia .....	42
3.5 Fazer a Ponte: O Princípio da Responsabilidade.....	43
3.6 Fazer a Ponte: O Princípio da Democraticidade.....	44
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	45
4.1 O Ensino Estadual Paulista e os Pressupostos dos Princípios da Ponte na Geografia Escolar .....	45
4.2 Análise do Experimento: Os Princípios da Escola da Ponte para os Alunos do 7º Ano A. ....	57
4.3 Considerações dos Princípios da Ponte na Escola Dom Antônio.....	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
7 ANEXO.....	86

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figuras</b>	<b>Página</b>
Figura 1: Mapa e Imagem de Satélite do Município de Assis /SP. ....	12
Figura 2: Roteiro de Estudo e Pesquisa da Escola EMEF Desembargador Amorim Lima Localização da Escola Dom Antônio José dos Santos .....	15
Figura 3: Localização da Escola Dom Antônio José dos Santos.....	18
Figura 4: O Pátio da escola Dom Antônio - Assis/SP. ....	19
Figura 5: A Cozinha da escola Dom Antônio - Assis/SP. ....	20
Figura 6: Entradas de Acesso para as Salas de Aulas.....	21
Figura 7: Entradas de acesso para Sala dos Professores, Coordenação, Direção e Secretária da escola Dom Antônio Assis/SP.. ....	21
Figura 8: Localização dos Bairros dos alunos da escola Dom Antônio no Município de Assis/SP. ....	23
Figura 9: Matriz de Avaliação Processual de Ensino Aprendizagem – Conjunto de orientação Pedagógica do Estado de São Paulo. ....	27
Figura 10: Apostilas e Cadernos do Professor e do Aluno do Estado de São Paulo – Disciplina de Geografia – Séries. ....	27
Figura 11: Caderno de Brochura dos alunos do 7º A. ....	47
Figura 12: Conteúdos de Geografia nos cadernos de brochura - Alunos .....	48
Figura 13: Roteiro de Pesquisa Individual. ....	49
Figura 14: Roteiro de Pesquisa e Situação de Aprendizagem 1. ....	50
Figura 15: Seminário de finalização das Aprendizagens dos Roteiros e da Apostila de Geografia do 7º A. ....	51
Figura 16: Alunos trabalhando os conteúdos de Geografia na Sala de Aula - 7ºA. ...	52
Figura 17: Alunos trabalhando os conteúdos de Geografia na Sala de Computação – 7ºA. ....	52
Figura 18: Alunos trabalhando os conteúdos de Geografia na Sala de Leitura - 7ºA	53
Figura 19: Alunos trabalhando os conteúdos de Geografia na Sala de Vídeo - 7ºA..	53
Figura 20: Alunos do 7º A, realizando a aula de Tutoria. ....	55
Figura 21: Atividades sendo realizadas pelos alunos em seus grupos de Responsabilidades na Sala de Aula (2015).....	55
Figura 22: Atividades de Responsabilidades.....	56
Figura 23: O plantio de uma árvore na Semana de “Descanso Livre” da escola (2015).....	57
Figura 24: Observações das árvores do Bioma Cerrado.....	59
Figura 25: Alunos do 7º A, no grupo no Facebook. ....	61

Figura 26: Alunos do 7º A e alunos e dos 6º Anos durante o Projeto de Informática Básica da Escola da Ponte na Sala de Informática. ....	62
Figura 27: Alunos do 7º A, durante a realização da Assembleia (2015).....	63
Figura 28: Capa do Jornal da cidade “Diário de Assis” – Edição da Feira de Ciências – Projeto 7º Ano A.....	70
Figura 29: Sala de Exposição de Geografia – Feira de Ciências, Alunos do 7º A. ....	71
Figura 30: Entrega dos marcadores-texto, e demonstração de livros de Geografia – Feira de Ciências. ....	71
Figura 31: Alunos do 7º A, demonstrando e realizando seus trabalhos na “Oficina de Tinta de Terra” na edição 2015 da Feira de Ciências da Escola Estadual Dom Antônio. ....	72

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabelas</b>	<b>Página</b>
Tabela 1: Distribuição das contribuições dos indivíduos que se encontram em idade escolar no Brasil e no Estado de São Paulo .....	30

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo avaliar a aplicação de alguns princípios desenvolvidos na Escola da Ponte nas aulas de Geografia de uma escola da rede estadual de ensino de São Paulo. A inspiração para o trabalho surgiu após um trabalho de campo, oferecido na graduação, pela disciplina de Estágio Regência em 2014, do qual permitiu conhecer diferentes modelos de escolas no Estado de São Paulo, dentre estas uma que trabalha com os princípios da Escola da Ponte.

Foi na escola Estadual Dom Antônio José dos Santos, durante o 3º e 4º Bimestre, que a presente pesquisa, se desenvolveu depois de diversos questionamentos rotineiros enquanto professora nesta escola e das repetitivas adversidades sociais e de aprendizagem enfrentadas entre os alunos da mesma, busquei na Escola Ponte, pontualmente em seus princípios, vincular ao Currículo Estadual/SP Escolar do Ensino Básico, aplicar na disciplina de Geografia e em seus conceitos durante o tempo que me encontrava lecionando nesta escola, podendo assim serem observados na prática, o 7º Ano A.

Os alunos puderam desenvolver eles próprios de forma autônoma, responsável e solidária, atividades dinâmicas que valoriza-se a reflexão, e a análise crítica, envolvendo a intuição escolar de modo geral. Os resultados deste trabalho, utiliza-se de referenciais bibliográficos sobre o tema, recursos visuais registrados na escola e de depoimentos, em que certamente resultou em novidades, novos desafios que é possível transformar os sistemas educacionais, com mudanças em alguns aspectos determinados dentro do próprio sistema.

**Palavras Chaves:** Ensino; Geografia; Escola Dom Antônio José dos Santos; Princípios da Escola da Ponte; Proposta Curricular do Estado de São Paulo.

## ABSTRACT

This work is aimed to evaluate the application of some principles developed in the “Escola da Ponte” in the Geography classes of a São Paulo state school . The inspiration for this study came after a field work offered during the graduation course, through the discipline of Regency Stage in 2014, which allowed me to know different models of schools in São Paulo State, among them one which works with the principles of the “Escola da Ponte”.

It was in the state school “Dom Antônio José dos Santos”, during the 3<sup>rd</sup> and 4<sup>th</sup> bimesters that the present research has been developed after several routine inquires as a teacher at this school and after the repetitive social and learning adversities faced among the students from there, I have searched in the “Escola da Ponte”, punctually in its principles, to link the São Paulo State Curriculum of Basic Education, apply in the discipline of Geography and its concepts while I was teaching in this school, and thus observe them in practice, in the 7<sup>th</sup> grade A.

The students were able to develop by themselves autonomously, responsibly and caringly, dynamic activities which value the reflection and the critical analysis involving the school institution in general. The results of this study use bibliographic references about the theme, visual resources from the school and testimonials, which certainly resulted in innovations, new challenges which may be possible to transform the educational systems with changes in some determined aspects within the own system.

**Key Words:** Teaching, Geography, “Dom Antônio José dos Santos school”, Principles of the “Escola da Ponte”, Curriculum Proposal of São Paulo State.

## 1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Este trabalho apresenta uma caracterização da aplicação de alguns dos princípios da Escola da Ponte de Portugal, tais como: Solidariedade, Responsabilidade, Democraticidade e Autonomia, que ocasionaram a inserção de novos princípios, ou seja, novas práticas no âmbito do espaço educacional (escola – sala de aula) de uma escola pública do Estado de São Paulo, dotadas de sistemas enraizados e tradicionalistas de ensino, por exemplo, o Currículo Estadual/SP Escolar do Ensino Básico, ele é importante por causa das ações e vivências desencadeadas.

Especificamente o trabalho teve como público alvo os alunos do 7º ano A, da escola Estadual Dom Antônio José dos Santos, mais conhecida como escola “Dom Antônio”, localizada no Município de Assis, interior de São Paulo, localizada a aproximadamente 434 km da capital do estado (Figura 1), no Bairro Vila Ribeiro, Rua Fagundes Varela, 152, no município de Assis- SP, no ano de 2015, os mesmos eram meus alunos e eu exercia a função de professora de Geografia desta instituição.

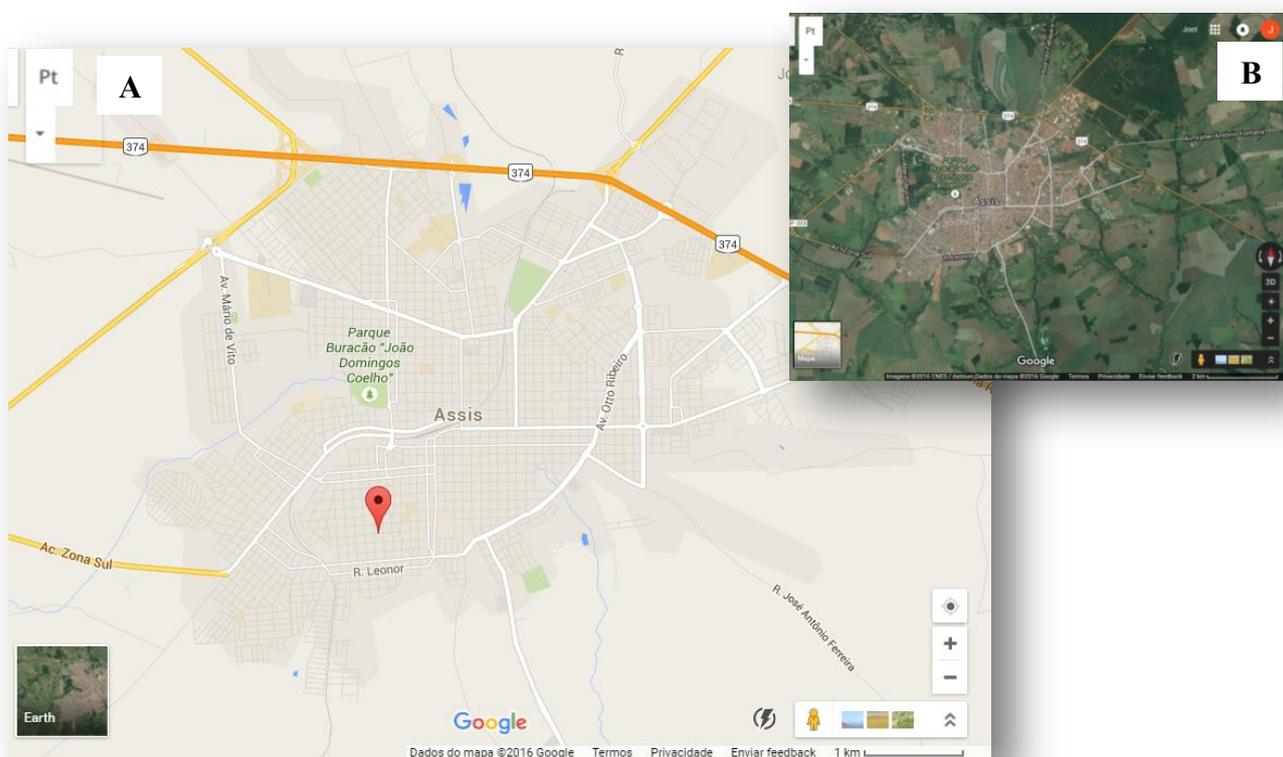


Figura 1. A – Mapa de Assis/SP. B – Imagem de Satélite, localização do Município de Assis/SP.

Fonte: <<https://www.google.com.br/maps/@-22.6584827,-50.4232738,13.64z> (2016)>

Como forma de pesquisa metodológica, ocorreu um levantamento e investigações bibliográficas sobre a metodologia da Escola da Ponte, com foco em seus princípios, foi realizada uma pesquisa de campo, na escola municipal da capital São Paulo, EMEF Desembargador Amorim Lima, que trabalha com os princípios da Ponte em todo seu espaço escolar como em seu modelo de ensino aprendizagem. Uma pesquisa dos conceitos e teorias da ciência Geográfica trabalhados em sala de aula, finalizando com informações e depoimentos sobre a E.E. Dom Antônio José dos Santos e dos alunos do 7º ano A, que neste trabalho serão tratados por nomes fictícios.

É com esse olhar significativo, que durante as aulas da disciplina de Geografia resultou na criação de um novo saber, diante do descontentamento dos alunos e enquanto professora, e que é possível transformar os sistemas educacionais públicos e ainda provocar mudanças em alguns dos aspectos. Os alunos estavam durante aplicação do trabalho, submetidos a um currículo de ensino pré-determinado pelo Estado, foi necessário à elaboração de um “Roteiro de Pesquisa” para uso em sala, que acompanhasse o currículo, porém seus espaços e tempos foram reorganizados para que os alunos se expressassem livremente em seu tempo de aprendizagem na disciplina e ainda conseguissem se organizar em suas atividades de responsabilidades com a própria escola.

Dessa forma o trabalho foi significativo para a ampliação do conceito de educação centrada no aluno, mesmo diante das diversificações gerais das atividades educativas, dos princípios, habilidades, hábitos, procedimentos, crenças e atitudes (valorização das representações sociais), proporcionados pelos princípios da Escola da Ponte e da Geografia.

### **1.1 Estágio Regência: Conhecendo a Metodologia da Escola da Ponte “EMEF Presidente Campos Salles”**

O que chamou a atenção para a realização deste trabalho de conclusão de curso de graduação em Geografia foi depois de um trabalho de campo, realizado no ano de 2014 para a cidade de São Paulo, na disciplina de Estágio Regência, ministrada pelos professores doutores, Amir El Hakim de Paula e Carla Cristina R. G. de Sena, esta orientadora desta pesquisa. O objetivo do trabalho de campo da disciplina de Estágio Regência buscava-se outras formas de ensino, como o da Instituição Escolar Municipal de Ensino Fundamental EMEF Campos Salles, situada no Bairro de Heliópolis, região

sudeste da capital paulista, considerada área periférica “Favela” e violenta, com histórico de completo abandono.

A instituição escolar, sendo esta uma produtora, transmissora de saberes, acaba ocupando a função de disciplinar, em alguns casos a própria instituição familiar dos alunos da comunidade que ali se encontravam matriculados, fez com que seus representantes mudassem o modelo e a metodologia de ensino, adotando a metodologia da escola da Ponte como em uma outra escola municipal localizada na própria capital paulista, a EMEF Desembargador Amorim Lima, ambos seguem a metodologia da Ponte e seus princípios Solidariedade, Responsabilidade, Democraticidade e Autonomia dos quais me identifiquei e apliquei de forma a serem observados neste trabalho.

## **1.2 EMEF Desembargador Amorim Lima: Uma Experiência dos Princípios da Escola da Ponte**

Realizei uma visita de dois dias à EMEF Desembargador Amorim Lima, nos dias 17 e 18 de Agosto de 2015, localizada no distrito do Butantã, situado na região oeste na Rua Professor Vicente Peixoto, 50 na Vila Indiana - São Paulo – Capital, escola da prefeitura de Ensino Fundamental, a qual possibilitou acompanhar o dia a dia dos alunos, de seus professores, diretores e funcionários. Devido ao meu interesse ser grande em aplicar os princípios da Escola da Ponte, em uma escola estadual e ao mesmo tempo trabalhar o Currículo oficial do Estado de São Paulo das Ciências Humanas, especificamente que resultasse em mudanças significativas para os alunos e a comunidade escolar, que ainda neste momento eu não havia escolhido.

A EMEF Desembargador Amorim Lima vem tentando com sucesso, desde o início de 2004, implantar o projeto inspirado na metodologia da Escola da Ponte, sendo a primeira escola a realizar no Brasil. Nela, percebi as nítidas diferenças físicas e pedagógicas em que todos participam da construção do projeto (comunidade, alunos, professores, agentes escolares, inspetores de alunos, diretora, voluntários, pais, etc.).

Iniciei juntamente com a primeira aula no salão, que substitui as salas de aula e são divididos em duas partes (direita e esquerda) ao invés de carteiras enfileiradas são substituídas por mesas redondas, acomodando os grupos de alunos que são escolhidos a cada início ou término de Roteiro (Figura 2), material que substitui a apostila do Estado, porém analisando com mais atenção, este segue a mesma cronologia de estudo proposta pelo Estado Paulista. O aluno que escolhe o tema e no momento que realizam as

atividades eles acabam complementando os temas, levando para a aula trabalhos e pesquisas à parte do que foi orientado, o professor só é chamado se caso o aluno não consegue solucionar o conteúdo, após todos os recursos disponíveis a serem consultados, fruto do coletivo todos os envolvidos são considerados agentes educativos de fato.

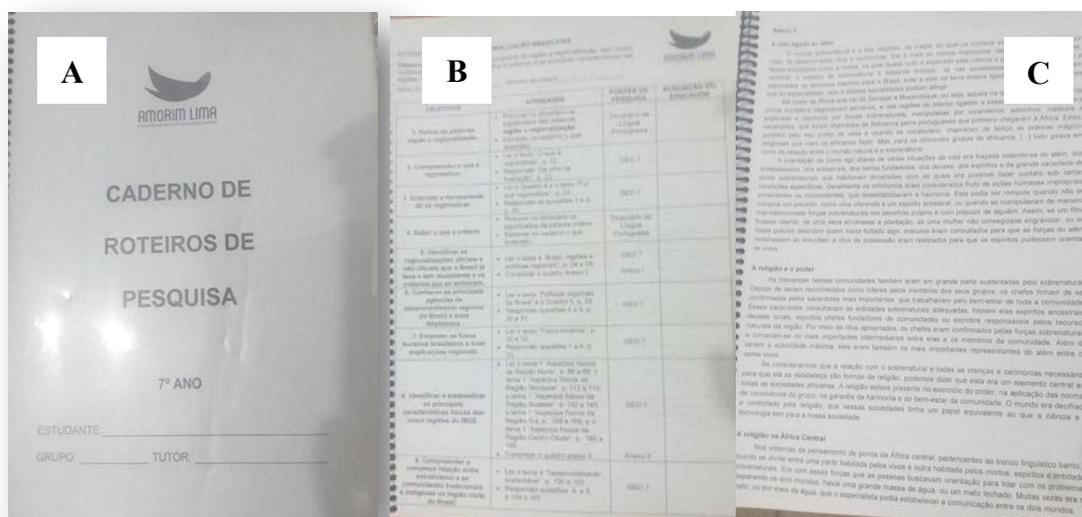


Figura 2. A – Capa do Roteiro de Estudo da Escola Amorim Lima – SP, disponibilizados aos seus alunos. B – Página do Roteiro da Escola, com as etapas de estudos, que devem ser contempladas pelos alunos. C - Texto inserido no Roteiro de Estudo e de referência de Pesquisa aos alunos. (2015)

Fonte: São Paulo. Material disponibilizado pela escola EMEF Desembargador Amorim Lima (2015).

Foto: Vaz (2015)

Duas turmas que foram observadas, uma no salão eu acompanhei esta turma durante todo o dia e uma outra no laboratório de Inglês, no salão contam com a presença de 3 professores, sendo uma auxiliar para os alunos que possuem alguma deficiência, e no laboratório de Inglês, uma única professora, assim como os professores de Matemática e Português que explicam a matéria para os alunos durante as correções de Roteiro que aconteceu no primeiro dia de visita.

Uma surpresa são os salões que não oferecem incomodo para os alunos e professores, e as aulas assim como a comunicação podem acontecer sem ruídos e sem interrupções, de qualquer parte do mesmo. Quando desejam se manifestar, os alunos levantam as mãos, o mesmo gesto é repetido pela professora responsável pela turma para pedir silêncio ou atenção. Sendo ALVES (2000):

[...] não temos classes separadas, 1º ano, 2º ano, 3º ano... Também não temos aulas, em que um professor ensina a matéria. Aprendemos assim: formamos

pequenos grupos com interesse comum por um assunto, reunimo-nos com uma professora e ela, conosco, estabelece um programa de trabalho de 15 dias, dando-nos orientação sobre o que deveremos pesquisar e os locais onde pesquisar. Usamos muito os recursos da Internet. Ao final dos 15 dias nos reunimos de novo e avaliamos o que aprendemos. Se o que aprendemos foi adequado, aquele grupo se dissolve, forma-se um outro para estudar outro assunto.

Há um movimento instalado na escola, a atividade que não deu certo, que apresentou maiores dificuldades é avaliada e mudada toda vez que for necessária, esta prática é um grande desafio principalmente se pensarmos em termos de uma escola pública, que segue um currículo cronometrado de situações de aprendizagens. Ainda no primeiro dia de visita, iniciou o que pareceu uma aula de Geografia, era correção, em que os alunos apresentaram um seminário, com cartazes e texto impresso, do que eles tinham entendido sobre o roteiro no conteúdo de Geografia, os temas dos Seminários eram variados, como o “homem no meio natural” e sobre” a estrutura geológica da terra”.

Logo após as aulas no salão, os alunos foram para o intervalo, e durante o intervalo, surgiram os questionamentos de minha parte, ou seja, seria possível aplicar no ensino estadual regular, diante do currículo obrigatório de aprendizagem, diante de tantas regras, e se em caso de aplicação, até que ponto seria possível realiza-la, quantos princípios seriam possíveis contemplar, alcançar, e decidi neste momento onde aplicaria o meu trabalho, na escola Estadual Dom Antônio José dos Santos, e escolheria uma sala de início, o 7º ano A, pois é a escola onde me encontrava no ano de 2015 como professora contratada (Categoria O) de Geografia.

Antes de retornarem para a continuação das aulas, os alunos do Amorim, percebe-se que o tratamento dos alunos são diferenciados, a começar pela merenda (refeição) é preparada na cozinha industrial da escola, são pratos bem decorados pelas cozinheiras da escola, funcionárias terceirizadas, a cada dia uma refeição diferente acompanhada de um suco e de uma sobremesa, não tem cantina na escola, como toda estrutura de escola subsidiada pela prefeitura, neste caso de São Paulo. Professores e alunos realizam a refeição juntos, dividem a mesma mesa.

Após o intervalo os alunos se reunirão em espaços aleatórios da escola e conversaram sobre o que gostam de fazer, o que irão fazer na escola, sobre a relação com os colegas, com relação a alguma atitude que ocorreu e que não gostaram, e juntamente com o professor que acompanhavam eles anteriormente resolvem os

conflitos sem que haja necessidade de direção, suspensão até mesmo ocorrência de brigas.

Em seguida os alunos são divididos, vão para a informática enquanto os outros vão para a aula de música que ocorre no próprio pátio. O professor de música, prepara um repertório de músicas clássicas ou da MPB, também tem a oficina da horta, em que os próprios alunos plantam e matam uma horta comunitária na escola, e ajudam no complemento dos ingredientes da merenda escolar. Pelo que foi levantado os alunos entram nestas atividades, por opção, se inscrevem quando chegam à escola e são oficinas complementares oferecidas parte de uma metodologia de ensino inspirada no trabalho desenvolvido pela Escola da Ponte, de Portugal.

No segundo dia parte da rotina do primeiro dia foi repetida, o que chamou mais atenção neste segundo dia, foram às aulas de “Tutoria”, com os alunos em que os professores olham os roteiros, os cadernos, oferecem orientações, e indicam livros de leitura para os mesmos, até a diretora participa como tutora (professor – orientador) dos alunos.

Os alunos que não se encontram em tutoria, estão elaborando medidas, em prol do benefício e cuidado da escola, eles se juntam nos chamados “Grupos de Responsabilidades”, estes possuem a função de cuidar dos cômodos da escola, como cuidar da biblioteca, da ordem nos salões, da sala de informática, elaborar gincana, cursos e oficinas, para os professores ou para si próprios, cuidam da conduta dos professores, funcionários, entre outras atividades, são deixados livres para criar as ideias e trabalharem com os princípios da Escola da ponte, “Respeito, Solidariedade e Responsabilidade”, porém devem ter a orientação de algum professor.

Assim como toda instituição escolar a escola Amorim Lima, também apresenta dificuldades, ao final do dia de visita prática, ouvi relatos de alguns professores que se faziam presente dos quais confessaram que almejam a aposentadoria, outros que não se adaptaram ao modelo de ensino lecionado na escola, e o relato da diretora foi à falta constante de seus professores, assim como os problemas familiares dos alunos. Porém ali naquele espaço mostrou-se uma diversidade tão natural de ensinar dos professores e dos alunos assim como todos os funcionários, que os problemas aparentaram pequenos, diante de indivíduos que trabalham em conjunto, cada indivíduo um ser único e importante, oferecem igualdade o que atesta a qualidade do processo nesta instituição que atrai educadores e olhares nacionais e internacionais.

### 1.3 A E.E. Dom Antônio José dos Santos

A E.E. Dom Antônio José dos Santos (Figura 3) localiza-se no Bairro Vila Ribeiro à Rua Fagundes Varela, 1814. A escola se encontra bem localizada em termos de benefícios urbanos, enquanto os seus fundos limitam-se com os Bairros periféricos Jardim Eldorado, Jardim 3 América I, Jardim 3 América II, Vila Ribeiro (o próprio Bairro de localização da escola), Vila Fabiano, Vila Mercedes, Vila Prudenciana, e do Parque Residencial Colinas, onde residem mais de 95% dos seus 519 alunos, sendo 296 matriculados no ensino fundamental.

Sua fundação está registrada no Decreto da Lei de criação nº 17.698 de 26 de Janeiro 1947, DOE - de 28/09/60 do Estado de São Paulo. Para Romão et al. Godotti (2012) o processo de criação de uma instituição educacional, deve ser encarada como a criação de uma “verdade”, se caso não for socializada ela corre o risco de morrer com quem a descobriu, ou ter dificuldade de ser implantada na prática.

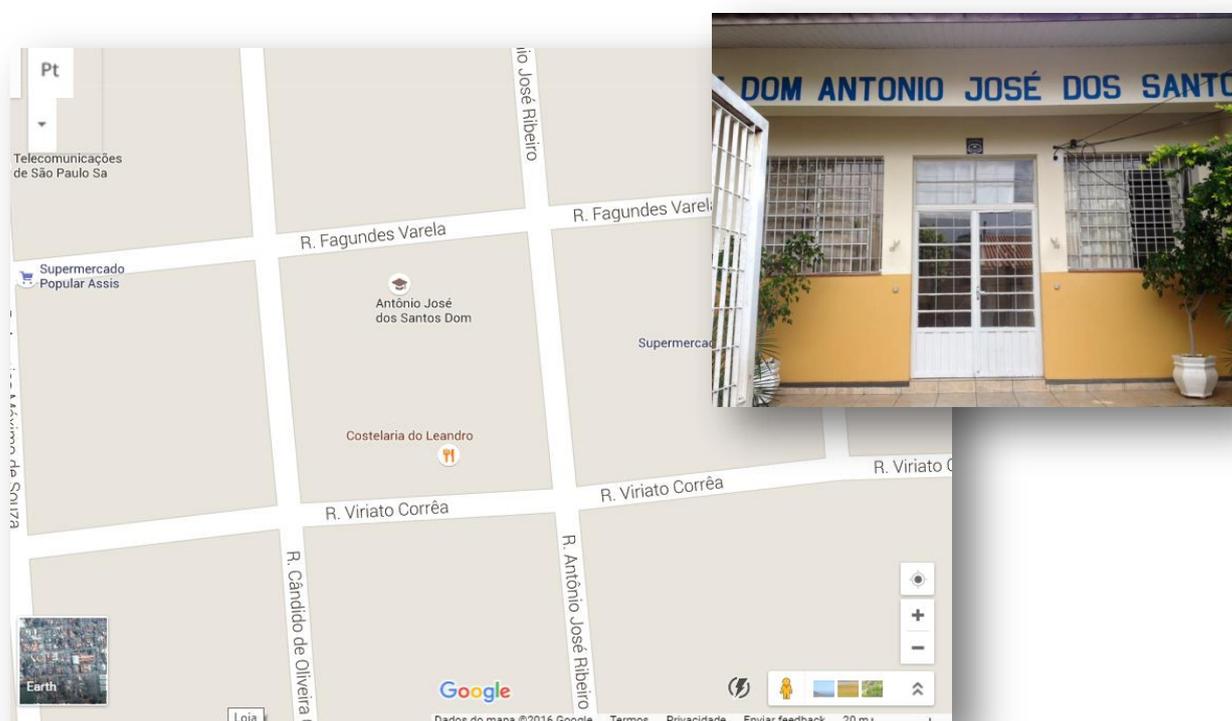


Figura 3. A - Localização da escola Dom Antônio no Município de Assis/SP. B – Fachada da entrada da escola Dom Antônio.

Fonte: <<https://www.google.com.br/maps/place/R.+Fagundes+Varela++Vila+Ribeiro,+Assis++SP/@22.6714309,50.4278552,17.51z/data=!4m5!3m4!1s0x949539891ff95891:0x8470531734e6f3ce!8m2!3d-22.6713449!4d-50.4267538> (2016)>

Foto: Vaz, (2015)

Os alunos do Fundamental frequentam as aulas no período da tarde. Este período conta com 8 turmas (salas de aula) com cerca de aproximadamente 40 alunos de 5ª a 8ª séries. Nos períodos da manhã funciona o Ensino Médio. No a escola atende a 16 turmas.

Seu quadro de funcionários é composto por 37 professores, entre ativos de categorias efetivo, F e O, sendo 25 com sede na escola e 12 com sede em outra instituição escolar, 18 professores designados e afastados, uma professora representante da sala de leitura, 13 membros administrativos, 2 vice diretores e 1 diretora titular, 1 coordenadora e 1 professora mediadora.

A estrutura física da escola conta com água filtrada, energia e esgoto da rede pública, acesso à internet, sala de diretoria, sala de professores, sala da secretaria, almoxarifado, laboratório de informática, quadra de esportes coberta, alimentação escolar diária para os alunos, cozinha, despensa, refeitório, sala de leitura, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado para alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, pátio coberto, pátio descoberto e área verde com praça, abaixo (Figuras 4, 5, 6 e 7), demonstram algumas das estruturas reais da escola E.E. Dom Antônio José dos Santos em 2015. Estas estruturas serviram de cenário para os alunos do 7º A, composta por 17 alunos, estes os protagonistas da escola durante o 3º e 4º bimestre de 2015.



Figura 4. O Pátio da escola Dom Antônio - Assis/SP.  
Foto: Vaz (2015)



Figura 5. A Cozinha da escola Dom Antônio - Assis/SP.  
Foto: Vaz (2015)



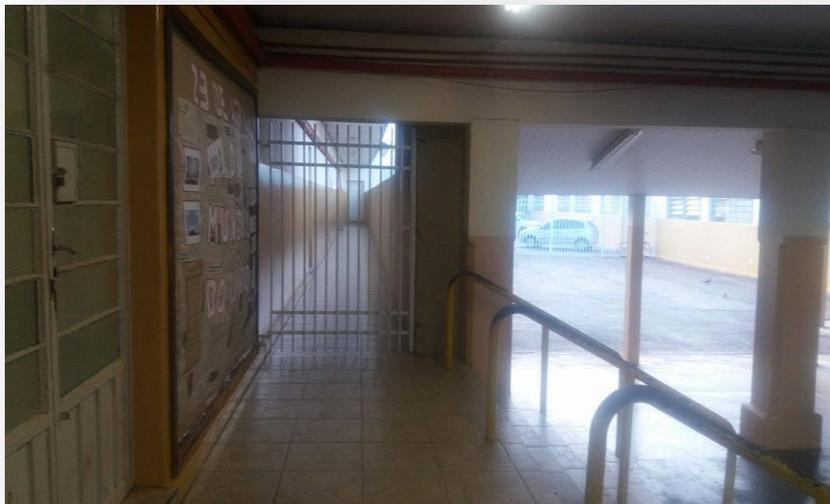


Figura 6. Entradas de Acesso para as Salas de Aulas (Parte Inferior e Parte Superior) e Sala de Leitura (Parte Superior) da escola Dom Antônio - Assis/SP.  
Foto: Vaz (2015)

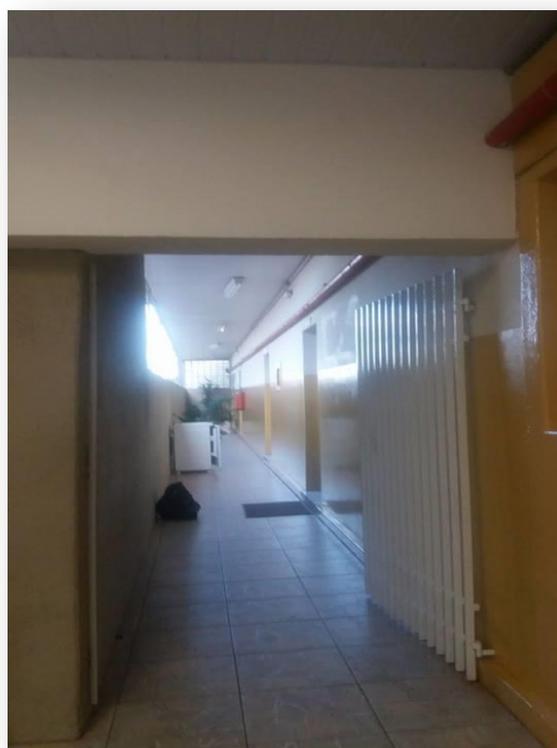
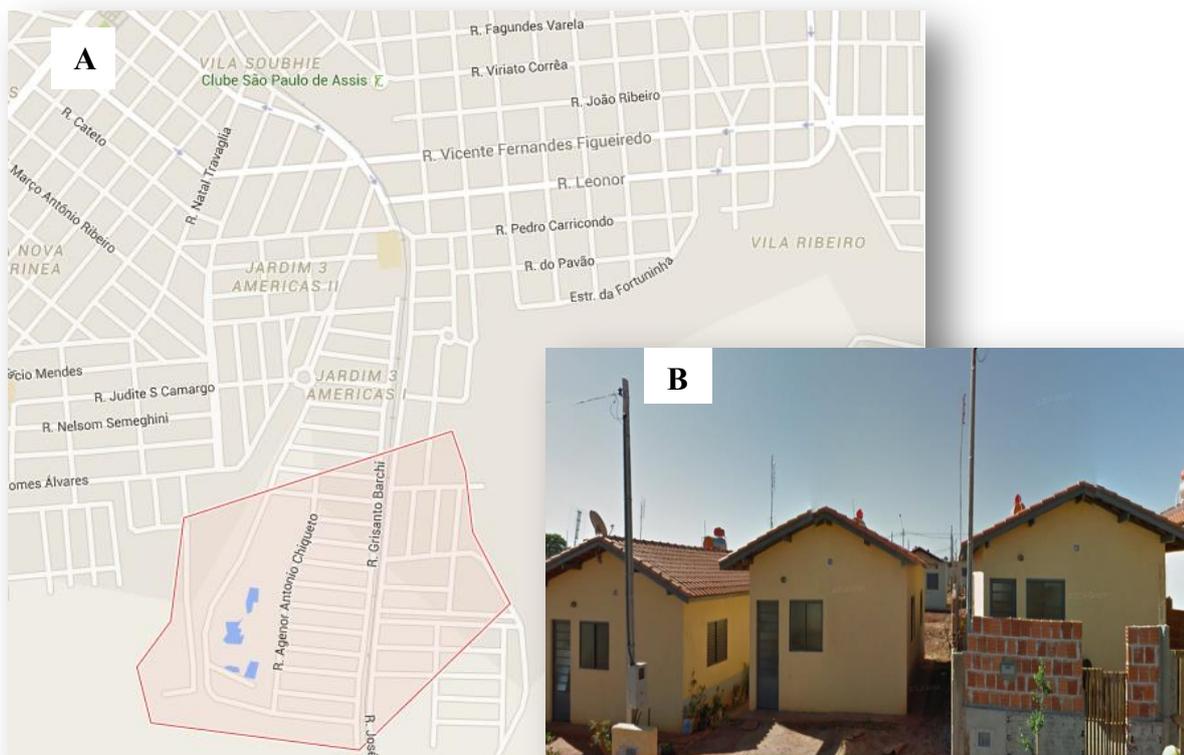


Figura 7. Entradas de acesso para Sala dos Professores, Coordenação, Direção e Secretária da escola Dom Antônio - Assis/SP.  
Foto: Vaz (2015)

A região conhecida pelos Bairros Residencial Colinas (Figura 8) ou mais conhecido como Park Colinas ou Colinas, melhor CDD (Cidade de Deus) e a Vila Prudenciana, o primeiro é um recente conjunto habitacional da cidade, e o segundo um Bairro já consolidado, ambos periféricos e abrigam a população carente da cidade, em sua maioria pessoas que estão enquadradas e programas sociais da cidade, como Bolsa

Família (Governo Federal), BPC - Benefício de Prestação Continuada (Governo Federal), Renda Cidadã (Governo Estadual) e Ação Jovem (Governo Estadual) coordenados pelos CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) os alunos prestam serviços no projeto Broto Verde ou na Fundação Futuro no projeto Legião Mirim da cidade de Assis-SP e recebem uma bolsa “salário”, cursos e palestras como menores aprendiz devem frequentar a escola regularmente como forma de manterem os benefícios, como forma de ocuparem a mente destes adolescentes, em casos ajudar a família e a si próprios.



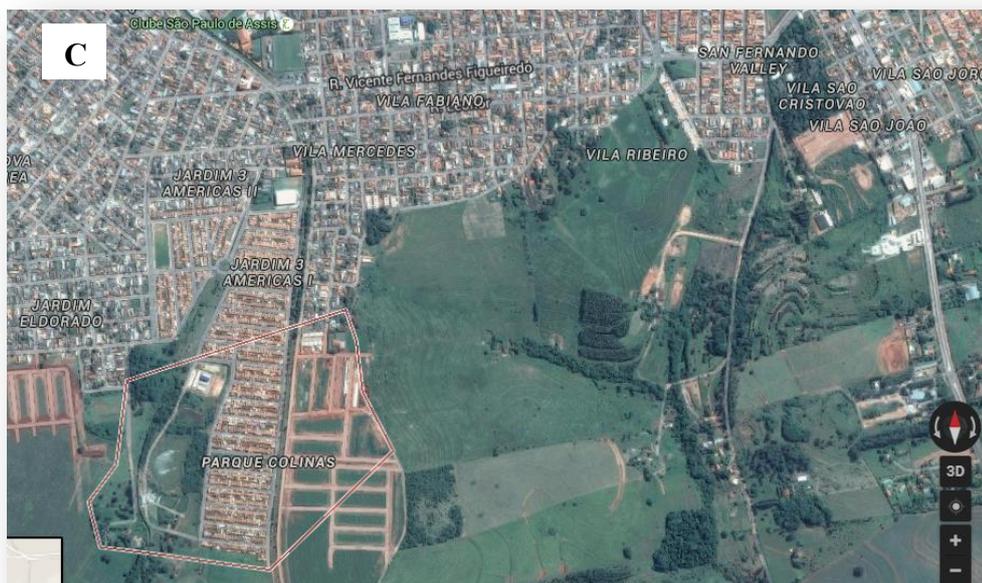


Figura 8. A - Localização das moradias alunos da escola Dom Antônio no Município de Assis/SP. B - Foto Residências do Bairro Colinas. C – Imagem de Satélite das moradias dos alunos da escola Dom Antônio no Município de Assis/SP. Fonte: <<https://www.google.com.br/maps/place/Parque+Colinas,+Assis+-+SP/@-22.6793502,50.4325104,2077m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x94953a1e5a9a6a59:0xdbeb531942165d4d!8m2!3d-22.6840013!4d-50.4321079>> Foto: Google Maps - <[https://www.google.com.br/maps/place/Parque+Colinas,+Assis+-+SP/@-22.6828476,50.4326492,3a,60y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sf1JLrt9jTB5KF1a8vN\\_qTg!2e0!7i13312!8i6656!4m5!3m4!1s0x94953a1e5a9a6a59:0xdbeb531942165d4d!8m2!3d-22.6840013!4d-50.4321079!6m1!1e1](https://www.google.com.br/maps/place/Parque+Colinas,+Assis+-+SP/@-22.6828476,50.4326492,3a,60y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sf1JLrt9jTB5KF1a8vN_qTg!2e0!7i13312!8i6656!4m5!3m4!1s0x94953a1e5a9a6a59:0xdbeb531942165d4d!8m2!3d-22.6840013!4d-50.4321079!6m1!1e1)> (2016)

Em sua maioria os moradores do mesmo viviam na Vila Progresso, outra área periférica da cidade, e ao receberem as casas do programa Minha Casa Minha Vida, se deslocaram e as crianças em idade escolar foram sendo matriculados nas escolas próximas, e assim a escola Dom Antônio passou a receber as crianças deste Bairro.

O Bairro é conhecido por ser alvo de diversos projetos sociais na cidade, por viver sob os cuidados dos “disciplinas” estes não são os donos dos pontos de entorpecentes conhecidas popularmente como “boca ou biqueira”, são pessoas conhecidas pelos populares do Bairro e estes são representantes de diversas causas sociais no Bairro e de mediação de conflitos como ocorrência de crimes, drogas, prostituições, violências e alcoolismo segundo relatados pela própria instituição escolar, esta é a realidade e em sua maioria influências dos alunos.

As famílias dos alunos em sua maioria possuem problemas de afetividade, ou seja, são criados por parentes próximos, e alguns destes possuem algum membro familiar, como pai, mãe, avó, irmão, irmão até o próprio aluno possui passagem pelos

centros de ressocialização antiga Fundação Casa, ou certamente cumpriram pena na Penitenciária por históricos de má conduta no Conselho Tutelar da cidade por questões variadas, até mesmo de relatos nas instituições escolares anteriores a esta, em resumo os alunos, principalmente os meninos do Dom Antônio são discriminados diante dos moradores da cidade.

A implementação da metodologia de alguns dos princípios da Escola da Ponte na E.E. Dom Antônio José dos Santos reforçou a natureza democrática do conhecimento na ciência geográfica. Os adolescentes, lembrando que os alunos que participaram deste estudo possuem cerca de 12 a 14 anos. Uma experiência única nesta instituição escolar, uma prática educacional na qual todos participam da construção e da solução dos problemas.

Em que durante as aulas de Geografia, pude captar não somente as dificuldades dos alunos sobre os conceitos geográficos, e eram alunos copistas, sempre esperavam as respostas por minha parte, ou textos na lousa, não realizavam as tarefas e tão pouco os trabalhos de forma clara, e consciente. A escola se apresentava em suas particularidades e desafios diários enquanto intuição de ensino, a disparidades sociais de seus alunos como as frequentes situações de violências familiares ou abandonos por parte dos mesmos, indo morar em casas de abrigos ou parentes próximos, refletindo dentro do próprio âmbito escolar.

Os responsáveis pelos alunos, quando compareciam na escola, eram aparentemente preocupados e dotados de simplicidade, geralmente ocupam a função trabalhista, de colaboradores de funções tercerizadas na cidade, e também pela frente de trabalho na prefeitura nos serviços de limpeza e conservação da cidade. Os próprios alunos possuem claramente a consciência da qual estão condicionados.

Sendo professora do Dom Antônio, observei nesta instituição, uma visão sociológica, centrada na busca de um resgate de consciência, cultural e por parte dos professores das outras disciplinas dentro de suas práticas educativas correspondentes.

A exclusão desta instituição e de seus alunos, Ihe são atrelados estereótipos negativos, devido às condições sociais e econômicas de seus alunos, dos quais já citados anteriormente compreendem na parcela pobre, “classe popular” e que se encontram em níveis de vida de miséria, os alunos são vistos como “marginais”, porém do tempo que permaneci na escola não passei por momentos contrangedores e nem de desrespeito por parte de qualquer aluno.

Um programa de ação, e de consciëntização jamais se separam, a situação real de vivência, o campo de trabalho é onde se encontra a maior parte das experiências e de destaque das relevâncias sociais, à tomada de consciência, para assimilar a concepção de educação, como afirmação da liberdade, citado por Freire (2011), o exercício da livre consciência, do educando e também do educador, em relações internas do grupo, sem limitações concretas.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

O presente estudo tem como objetivo geral, avaliar a viabilidade da aplicação de alguns princípios difundidos pela Escola da Ponte na Escola Estadual Dom Antônio José dos Santos, localizada no município de Assis-SP ao longo do ano de 2015, nas aulas de Geografia.

### **2.2 Objetivos específicos**

E para atingir tal propósito, os objetivos específicos foram:

- Investigar o histórico e os princípios da Escola da Ponte de Portugal e sua aplicabilidade na escola a EMEF Desembargador Amorim Lima em São Paulo;
- Trabalhar o currículo oficial do estado de São Paulo de forma diferenciada, aplicando os princípios de Responsabilidade, Democraticidade e Autonomia em uma turma de sétimo ano da Escola Estadual Dom Antônio José dos Santos, localizada na cidade de Assis-SP.

### **3. MATERIAIS E MÉTODOS**

#### **3.1 Estrutura de Ensino do Estado de São Paulo: O Ensino de Geografia nas Escolas Atuais, Avaliação e Políticas Educacionais.**

Em 2008, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE), propôs um Currículo Básico para as 5 mil escolas da rede estadual, com o objetivo de contribuir para o processo de melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos e o trabalho pedagógico dos professores.

O currículo constitui de orientações julgadas essenciais para as salas de aula, reúne conteúdos, divididos em situações de aprendizagens, para as diversas disciplinas lecionadas e visa propiciar melhores resultados com relação às aprendizagens das crianças e jovens da rede de ensino. Definiu como conjunto pedagógico (Figura 9) analisar os conhecimentos, competências e habilidades oferecendo as chamadas apostilas ou os conhecidos cadernos do Professor e do Aluno (Figura 10), organizados por disciplinas, de acordo com a série, ano e bimestre, geralmente são distribuídos em 2 edições, a primeira para ser usado durante o 1º e 2º Bimestre, a segunda edição para ser usada no 3º e 4º Bimestre.

Os conteúdos pedagógicos disponíveis nos cadernos são elaborados por especialistas da educação, de forma a cumprir o conteúdo estabelecido no Currículo Oficial do Estado de São Paulo, essa esfera de maior significância no Estado, e posteriormente serão cobrados no Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP).

Essa dimensão política se impõe diante da constatação das condições reais em que se encontram as escolas em todo o Brasil, principalmente em São Paulo, sucateadas e dotadas de propostas inadequadas aos fins educacionais, lembradas por Paro (1995), provocadas muitas vezes pela falta de recursos ou pela falta de vontade política dos que detêm o poder do Estado para prover educação de boa qualidade para a imensa massa da população dependente do serviço público.



Figura 9. Matriz de Avaliação Processual de Ensino Aprendizagem – Conjunto de orientação Pedagógica do Estado de São Paulo.

Fonte: Material Disponibilizado pela professora Gisele PCNP de Geografia da Diretoria Regional de Ensino de Assis - SP (2015)

Foto: Vaz (2015)

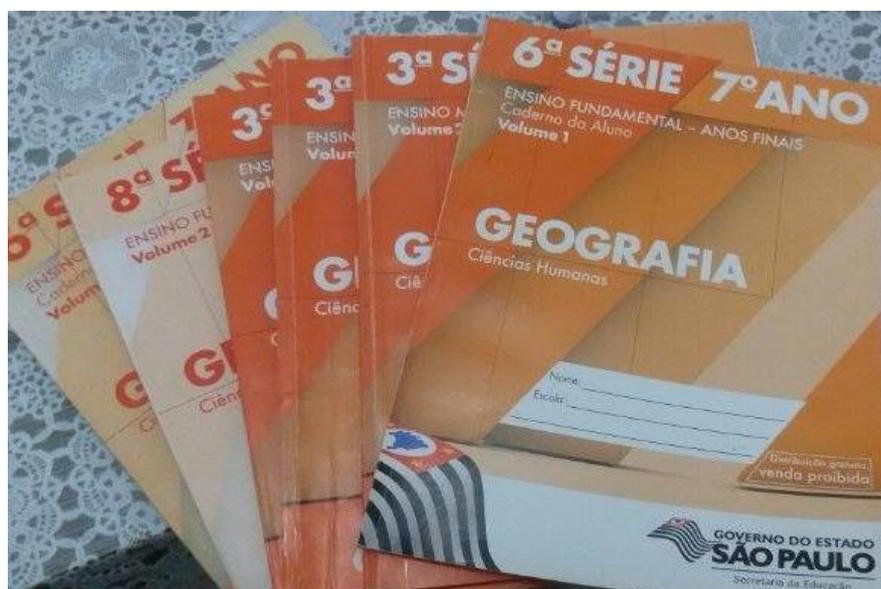


Figura 10. Apostilas e Cadernos do Professor (Esq.) e do Aluno (Dir.) do Estado de São Paulo – Disciplina de Geografia – Séries.

Foto: Vaz, (2016)

Diante da busca incessante, por melhorias do ensino no país, precisamente o ensino público, em que o saber é considerado desejável do ponto de vista social atrelado à melhoria da qualidade de vida da população. Aplicam-se diversas avaliações diagnósticas nos alunos, tais como Avaliação da Aprendizagem em Processo (AAP), nas disciplinas de Português e Matemática, resultam em gráficos e tabelas, relatórios

disponíveis no Sistema de Acompanhamento dos Resultados da Avaliação (SARA), como uma forma de identificar quais alunos estão e não estão “aprendendo”, assim como as escolas de acordo com a Matriz de Avaliação Processual, aqui citada e elaborada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Nas ciências humanas, o caso específico da Geografia não é aplicada avaliações diagnósticas. Apesar das constantes reflexões nas últimas décadas até a atualidade, as atuações das autoridades responsáveis pela educação, permanecem firmes e dividem opiniões ao descartar a Geografia no que diz respeito a qualquer avaliação de cunho estadual.

Fatos é que as relações presentes cotidianamente no interior das instituições escolares, caminham para o seu massacre intelectual no Brasil. No Estado de São Paulo o oferecimento é de um ensino público precário, com tendência de agravamento dos problemas já existentes e de consciência do mesmo que envolvem desde os índices das carências sociais, até com relação aos índices de analfabetismo no estado, sem que o Estado tome medidas efetivas visando a sua superação.

Diante de tantos dados quantitativos sobre a educação, divulgados pelo Estado, questionamentos são levantado, por exemplo, porque a comunidade não participa da escola? Uma vez que para as mesmas, é a escola que não participa da comunidade. Muitas das vezes trata-se da pretensão de negar legitimidade à participação dos indivíduos na gestão pedagógica, por serem considerados de baixos níveis de escolaridade e argumentam a ignorância dos pais diante dos vícios documentais e das regras pedagógicas.

Outro componente importante que ocorre nas escolas do Estado de São Paulo, em tempos de greve a participação efetiva da comunidade na escola são suspensas, como as atividades da Escola da Família, por receio de represarias ou de ocupação, alegam o comprometimento da estrutura física da escola. Em alguns locais as escolas paulistas são ocupadas como forma de lazer (jogar bola, oficinas teatrais, informática ou artesanato, culinária, etc.), levadas por alunos do nível superior de instituições públicas ou privadas, devido o avanço urbano e a falta de terrenos e locais para a realização da mesma, no programa “Escola da Família”, em que de acordo com dados da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo cerca de 2.390 escolas aproximadamente até o ano de 2016 são abertas aos finais de semana, ocupadas principalmente pelas camadas populares, com um professor geralmente da própria escola sendo o responsável com o auxílio do vice-diretor.

Mesmo assim é sentida necessidade da utilização completa do espaço escolar, principalmente durante a semana, vale aqui uma reflexão da elaboração didática a ser estudada. No estado de São Paulo, a falta de participação dos professores na elaboração do currículo, trabalhos que incentive e reconheça a importância da profissão a cerca da legislação, cuidar dos direitos e incluir medidas tanto dentro quanto fora da instituição escolar, que se preocupam de fato com a qualidade do educacional no Estado e no País.

De acordo com Paro (1995), numa sociedade em que o autoritarismo, se faz presente, das mais variadas formas, em todas as instâncias do corpo social, é de se esperar que haja dificuldades em levar as pessoas a perceberem os espaços que podem ocupar com sua participação, mesmo que seja para sugerir soluções e apontar para a importância da existência de uma consciência social sobre os problemas que envolve as instituições escolares e de que os mesmos fazem parte, para a valorização em prol da educação.

Participar efetivamente da gestão da escola de modo que esta ganhe autonomia, em relação aos interesses dos dominantes inseridos na atual sociedade capitalista, Paro (1988) destaca que aqueles que se beneficiar de um modelo de democratização de ensino aprendizagem dentro da escola e puderem participar ativamente das decisões que dizem respeito a seus objetivos até mesmo às formas de alcançá-los, podem tanto no âmbito da escola quanto no da comunidade se destacarem enquanto indivíduos críticos.

O funcionamento e organização da escola pública no Estado de São Paulo, de acordo com dados divulgados pelo Censo de 2014, no site da Secretária da Educação, a rede estadual conta com 20,6% do total de matrículas do Brasil, cerca de 4 milhões de alunos frequentando as escolas públicas paulistas, distribuídos nas 91 diretorias regionais, em que cerca de 10 milhões de estudantes da mesma representam as matrículas em todo o país. Envolvidas na busca por uma articulação para um bom funcionamento sistemático do cotidiano escolar, dentro e fora da sala de aula, levando em conta o desinteresse do Estado em resolver os problemas do ensino, o que visivelmente chama a atenção.

Em consideração apenas lembramos alguns dos avanços que tivemos pela democratização do ensino público na sociedade civil em esfera nacional, foram processos de luta e de merecidas conquistas, resultando em um espaço escolar sociopolítico, se estendendo para todas as camadas populares, ou seja, ensino gratuito com recebimento de materiais gratuitos. Porém o importante elemento que condicionaria a mudança efetiva do ensino seria as pessoas se envolverem em algum

processo pedagógico principalmente os indivíduos que se encontram em idade escolar no Brasil e no Estado de São Paulo (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição das contribuições dos indivíduos que se encontram em idade escolar no Brasil e no Estado de São Paulo.

Faixa Etária	Brasil	São Paulo	São Paulo – BRA
0 a 3 anos	10.078	1.997	19,8
4 a 5 anos	5.777	1.122	19,4
6 a 14 anos	29.015	5.489	18,9
15 a 17 anos	10.642	2.046	19,2
18 a 24 anos	22.705	4.682	20,6
18 e 19 anos	6.875	1.392	20,2
20 a 24 anos	15.830	3.290	20,8
25 a 29 anos	15.662	3.476	22,2
30 anos e meio	107.588	24.731	23,0
Total	201.467	43.543	21,6

Organização: Vaz (2016). Adaptado de IBGE – PNAD - Censo Educacional Anual do Estado de SP (2014).

O período de democratização de acordo com Paier (2009) na sociedade brasileira favoreceu também o movimento das aberturas educacionais, no qual podemos destacar a criação dos Conselhos de Escola em diversos estados e municípios, a incorporação de horários de formação coletiva às jornadas docentes, a organização dos sindicatos que conquistaram status para o magistério, garantindo planos de carreira aos profissionais de educação. Entretanto, pouco foi feito no sentido de transformação das relações pedagógicas e das metodologias utilizadas para proporcionar o aprendizado dos alunos, o que vem recebendo constantes críticas atreladas às legislações, decretos e resoluções vigentes no Estado.

A Legislação Estadual de Ensino Fundamental e Médio vem sendo editada desde 1975, destinada aos profissionais de educação, e aos colaboradores da Secretaria. Regula e regulamenta as ações de gestores, supervisores e docentes que atuam nos órgãos centrais e regionais, bem como nas escolas públicas estaduais e particulares, com regras de comando, questões econômicas e burocráticas para as instituições. Das disposições gerais no Artigo 42º - O Poder Executivo deverá publicar

quadrimestralmente, no Diário Oficial do Estado, relatórios gerenciais de receitas e despesas, detalhando a execução orçamentária correspondente aos recursos aplicados em cada organização social, nos termos da legislação em vigor.

Também a própria legislação regula a permanência dos alunos na escola, ou seja, a quantidade de alunos nas salas de aula Art.15º, o número limitado de alunos por sala, são de 35 alunos para as classes das séries/anos finais do ensino fundamental e 40 alunos para as classes do ensino médio e 40 alunos para as turmas de educação de jovens e adultos, nos dois níveis de ensino: fundamental e médio.

O Estado de São Paulo está em seu processo de ensino-aprendizagem dividido em: Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional. O Ensino Fundamental na rede estadual de ensino é dividido em dois ciclos: Anos Iniciais, que corresponde às classes do 1º ao 5º ano, e os Anos Finais, do 6º ao 9º ano. No estado de São Paulo aproximadamente cerca de dois milhões de estudantes estejam matriculados no Ensino Fundamental em escolas estaduais paulistas em 2016, estes alunos recebem recursos de leitura como aprimoramento do processo educacional.

Os alunos do ensino fundamental, ao completar a idade superior ao tempo de permanência escolar ou caso não completarem por alguma razão o ensino regular básico ou quando nos anos finais, poderá solicitar em caso de não atingirem o desempenho necessário para obter o certificado de conclusão, o atestado parcial de conclusão nas áreas de conhecimento nas quais atingiu a nota necessária. A partir disso, o aluno poderá prestar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) para conclusão de sua escolaridade ou concluir as demais disciplinas por meio do EJA ou em um CEEJA (Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos), que no estado de São Paulo em 2015, contabilizou uma meta de 207.000 alunos incluídos.

Em todo o Estado de São Paulo estima-se que mais de 1,5 milhão de jovens estão matriculados em séries do Ensino Médio da rede estadual. A proposta de trabalho é prepara-los para o vestibular e para o mercado de trabalho. Os jovens que frequentam o Ensino Médio na rede estadual paulista também contam com o novo modelo de Escolas de Tempo Integral (ETI).

As escolas de Tempo Integral em 2015 cadastradas, cerca de 180 escolas na meta do governo paulista oferecem aos seus alunos do Ensino Médio uma jornada de até nove horas e meia, incluindo três refeições diárias. Na matriz curricular, os alunos têm orientação de estudos, preparação para o mundo do trabalho. Além das disciplinas

obrigatórias, os estudantes contam também com disciplinas eletivas, ou seja, complementares no contra turno (atividades recreativas, artesanais, artísticas, de esporte, lazer, culturais, de acompanhamento e reforço ao conteúdo escolar, aulas de informática, educação para a cidadania e direitos humanos, dentre outras), que são escolhidas pelos professores e desde que esta esteja disponível na escola.

Devendo sempre estar presente nos viés das instituições escolares, independente do interesse político, deve – se buscar a autonomia e não direcionar o indivíduo para que seja condicionado a pensar e agir do modo que a escola determina, é importante existir as regras, porém o componente ideológico sobre as regras não deve perpassar as práticas escolares.

Na medida em que cada um dos grupos entram em contato com os interesses e aspirações dos outros “classe dominante”, ao mesmo tempo começam a buscar suas identidades e tentam expressar seus interesses, em vão. O atendimento prestado pela escola aos pais de alunos e aos alunos, a comunidade em geral constitui, sem dúvida nas demonstrações das relações sociais, em que os alunos são apontados como “clientela”.

A concepção de que nestes casos o ensino se torna algo penoso, mas necessário, pela oportunidade de socialização que a escola oferece a estes alunos, e com relação à responsabilidade pela educação escolar, sendo imprescindível o desenvolvimento de uma formação crítica, porém distante na rede estadual de ensino paulista.

O currículo do Estado de São Paulo, também citado no currículo das ciências humanas, o que insere a ciência geográfica está dividido em duas fases, a primeira delas realiza um levantamento do acervo documental e técnico pedagógico existente a partir de experiências de sucesso na educação, com orientações de gestão da aprendizagem em sala de aula e para a avaliação e a recuperação, de métodos e estratégias de trabalho para as aulas, experimentações, projetos coletivos, atividades extraclases e estudos interdisciplinares.

Este documento apresenta os princípios para uma escola capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo. Contempla algumas das principais características da sociedade do conhecimento e das pressões que a contemporaneidade exerce sobre os jovens cidadãos, propondo princípios orientadores para a prática educativa, a fim de que as escolas possam preparar seus alunos para esse novo tempo. Ao priorizar a competência de leitura e escrita, o Currículo define a escola como espaço de cultura e de articulação de competências e de conteúdos disciplinares. (SÃO PAULO, 2012 p.7).

A segunda deu início a um processo de consulta em escolas e com professores para identificar, sistematizar e divulgar boas práticas existentes nas escolas do Estado de São Paulo. O que de fato aconteceu foi que não se realizou de maneira ampla e sim por informações pontuais sobre as mudanças que estavam ocorrendo nas etapas, para as dirigentes das delegacias de educação distribuídas pelo Estado, e principalmente transmitidos à coordenação pedagógica das escolas e seus diretores.

Um importante elemento condicionante das comunicações realizadas são através de informações educacionais divulgadas aleatoriamente, em que as formalidades das quais envolvem as escolas públicas e particulares são coletadas pela Diretoria de Informação Educacional (DEINF), órgão vinculado à Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional (CIMA), que por meio dos sistemas gerenciais da Secretaria Estadual de Educação (SEE), em anualmente, constrói uma base de dados que é enviada para o INEP/MEC por meio de migração do Censo Escolar.

A educação como processo de apropriação do saber e auto-suficiente em sua tarefa educativa parece incompatível com a natureza mesma em que se encontra o processo educacional que vise a real autonomia do educando, Paro (1995) pois estão condicionados com as responsabilidades dos pais que estão deixando a critério único e exclusivo da escola e do professor, estão se eximindo de suas responsabilidades.

Em que de acordo com a proposta de currículo do Estado, objetiva uma educação de qualidade para todos, evitar diferenças que se constituam em fatores de exclusão. Porém a educação é desinteressante para o Estado, é cara para os cofres públicos educar o povo, por um lado os investimentos ofertados na educação, rende eleitoralmente, mas não produz um retorno econômico direto e visível em curto prazo, o que indica a importância do professor na formação da consciência dos alunos (PARO, 1995, p. 219) e a participação dos pais na vida escolar do filho, quando não, a escola deve encontrar ferramentas para seus alunos desamparados socialmente, pois o aluno é responsabilidade da escola, quando o mesmo presente na escola.

No caso do ensino, ocorre uma relação consumidor-mercadoria na esfera da produção material, a educação é encarada como um produto pronto a ser adquirido no mercado, de uma visão de um mundo adequado às relações de poder existentes na sociedade capitalista, Paro (1995), no Estado de São Paulo, a escola para o mercado esta sendo confundida com abrigo de crianças ou jovens abandonados, escola como instituições de assistências sociais, em outra visão destaca a importância da escola na

comunidade em que ela está inserida, sendo uma referência de socorro de seus alunos e em casos de suas famílias.

As escolas recebem visitas de supervisões pedagógicas de ensino, representantes da Diretoria Regional de Ensino (D.E) periodicamente e realizam reuniões semanais, os ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo) com seus profissionais. Discutem medidas pontuais e locais de resolução das necessidades de uma complementaridade entre o trabalho da escola e o da família na educação dos alunos, mas muitas vezes aponta primeiramente para o viés pedagógico e seu andamento frente aos alunos, pelos professores uma maneira positiva, no que diz respeito a esclarecimento de dúvidas quanto ao currículo escolar, porém exaustiva, uma vez que os problemas sociais que influenciam o aluno em seu cotidiano reflete no seu ensino aprendizagem.

O professor Walter, citado por (PARO, 1995, p.83), apresenta um discurso contraditório para descrever o professor ideal, em que aparecem relações críticas entrelaçadas com explicações que revelam certa ingenuidade e até preconceitos, diante das funções pedagógicas e das informações divulgadas, em que na escola “se você não for ditador, você não é professor”, e afirma que não existe no estado de São Paulo, ternura na escola, o que acaba gerando nos alunos certo tipo de comportamento que dificulta a vigência de posturas mais libertárias por parte dos professores e de seus administradores e interessados.

Mesmo a escola sendo dos alunos, na lógica educacional eles não se sentem pertencentes a esta, pois se fosse deles, não estariam presos ali, a falta de recursos para atender satisfatoriamente os mesmos, a autonomia das escolas jamais será alcançada no enquadramento atual, em que se busca uma escola com maiores participações, com trabalhos coerentes na educação pública, e que os alunos se identifiquem nelas.

Nesse contexto, ganha importância redobrada de como se dá a qualidade da educação oferecida nas escolas públicas do Estado de São Paulo, que vêm recebendo, em número cada vez mais expressivo, as camadas pobres da sociedade brasileira, que até bem pouco tempo não tinham efetivo acesso à escola, acentua consideravelmente diferenças culturais, sociais e econômicas e que o Estado levará a sério suas propostas ou talvez a estrutura de seus currículos sejam efetivas e que aperfeiçoadas.

Praticando sua neutralidade, ainda o Estado, propõe a incoerência no “ensinar”, resultando em alunos alienados, mesmo diante de tantas mazelas e descasos estaduais, ainda oferece plataformas e ferramentas de aprendizagens, como “Currículo +, Geekie, Foco Aprendizagem”, consideradas ferramentas digitais, desde que o profissional utilize

em seu conteúdo em sala, e dos quais também podem ser disponibilizados para os alunos que possuem computadores com acesso a rede, assim como os livros didáticos, em que hoje só pode ser utilizado na escola, durante as aulas, é importante que os professores explore os diversos recursos disponíveis e não fique somente nas apostilas ou cadernos das disciplinas escolares.

O espaço físico das escolas geralmente não são dotados de estrutura adequadas. O Brasil um país de temperaturas elevadas, em uma sala de aula de escola pública geralmente possui dois ventiladores, um próximo da lousa e o outro na parte dos fundos da sala, em que um ou dois ventiladores disponíveis sempre estão com ausência quase total de manutenção, para o aluno conseguir concentrar-se nas atividades pedagógicas em sua maioria se torna pouco apreciado, e acabam por apresentar comportamentos inadequados até mesmo criminosos, perante os professores e os demais colegas, quando não imploram pelo intervalo refletidos em suas expressões faciais. Diante destes condicionantes à escola passou a ser algo que o aluno tenta se identificar e uma “sobrevivência” para os professores.

A primeira vítima desse processo foi o mestre, o professor, este profissional do trabalho perdeu a referência precisa do que exatamente deve saber, do como deve ensinar e avaliar. Assim perdeu sua essência profissional.

Alguns dos viés propostos nos PCNs, abrange princípios de educadores consagrados, como Paulo Freire, Ruben Alves, Lévi-Strauss e Milton Santos, com reflexão sobre os contextos das propostas pedagógicas, como da ciência geográfica e os princípios da autonomia do aluno, princípio proposto na educação libertária da Escola da Ponte, abordada neste trabalho juntamente com expressões históricas e culturais diversificadas, que vão se modificando ao longo do tempo. Isso pressupõe a construção da formação crítica, a importância da definição de um corpo teórico metodológico adequado aos novos tempos.

As Ciências humanas realiza um papel essencial de entendimentos dos novos tempos, pois ensina e contribui de maneira interdisciplinar o processo de formação do educando, e se mostra como parceiro dos alunos promovendo das mais variadas formas o conhecimento, por exemplo, a Geografia, no Estado de São Paulo, aponta como objetivo “estudar as relações entre o processo histórico da formação das sociedades humanas, por meio da leitura do conceito de lugar, de território e no que diz respeito às relações geopolíticas contemporâneas”, assim as práticas pedagógicas dos professores, sendo este de Geografia ensina os alunos como devem se posicionar de forma autônoma

frente a esses conceitos, na busca pelo conhecimento científico em sala de aula, prática afirmada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) no 9394/96 nas metodologias para o ensino e aprendizagem.

Para Saviani (1996) quando diz que:

[...] um geógrafo, uma vez que tem por objetivo o esclarecimento do fenômeno geográfico encara a geografia como fim. Para um professor de Geografia, entretanto, o objetivo é outro: é a promoção do homem, no caso, o aluno. A Geografia é apenas um meio para chegar aquele objetivo. Dessa forma, o conteúdo será selecionado e organizado de modo a se atingir o resultado pretendido. Isto explica porque nem sempre o melhor professor de Geografia é o melhor geógrafo, o que pode ser generalizado nos termos seguintes: nem sempre o melhor professor de determinada ciência é cientista respectivo. (SAVIANI, 1996, p.50)

Na avaliação dos objetivos e resultados apresentados neste trabalho revela uma dolorosa ferida presente em uma sociedade desigual, para uns “oferece” a escola, para outros “faz de conta” que oferece. Pois é duro confessar que a educação escolar, séria e de qualidade, entre nós, é de fato superconcentrada, deve-se ousar com práticas que envolvam outros modelos educacionais, e envolve-los em conjunto aos conteúdos propostos pelo Estado, como na ciência geográfica ao anexar aos momentos de trabalho, uma base educacional que integre a capacidade e excelência pessoal e coletiva, exercendo o direito do acesso ao conhecimento crítico, autônomo e verdadeiramente democrático.

### **3.2 A Metodologia e os Princípios da Escola da Ponte**

O projeto da Escola da Ponte se iniciou com educador português é Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto José Pacheco, o qual coordena desde 1976, a Escola da Ponte, instituição pública que se notabilizou pelo projeto educativo inovador, baseado na autonomia dos estudantes longe de uma escola tradicionalista, apesar de fazer parte da rede pública portuguesa, a escola de ensino básico, localizada a 30 quilômetros da cidade do Porto, em Negrelos, na Vila Alves, Porto - Portugal há cerca de 30 anos.

De acordo com Canário (2004), A metodologia da Escola da Ponte está na origem de um movimento educacional, os alunos trazem os saberes da comunidade para a escola e estes saberes não são desconsiderados por ela, muito pelo contrário, são

considerados como a base da construção de novos saberes que retornam para a comunidade para depois retornar novamente para a escola e assim sucessivamente.

O modelo da Escola da Ponte de Portugal, descrito por Nogueira et al . (2005, 18p) não segue um sistema baseado em seriação ou ciclos e seus professores não são responsáveis por uma disciplina ou por uma turma específica. As crianças e os adolescentes que lá estudam muitos deles apresentam perfis e históricos de violência, são alunos transferidos de outras instituições, na Ponte definem quais são suas áreas de interesse e desenvolvem projetos de pesquisa, tanto em grupo como individuais e a cada ano criam regras de convivência que serão seguidas, inclusive por educadores e familiares.

Os alunos, apresentam faixa etária de 5 e 17 anos e se agrupam de acordo com os interesses comuns para desenvolver seus projetos de pesquisa. Há também os estudos individuais, depois compartilhados com os colegas, ocorre também os problemas de adaptação, e alguns alunos quando chegam, apresentam comportamentos agressivos acompanhados de laudos psiquiátricos, quando não são alunos moradores de casas de acolhimento assistidos por assistentes sociais, alguns professores que vão para Escola da Ponte, estranham o modelo, mas em sua maioria apoiam e defendem a escola idealizada por Pacheco.

Segundo Nogueira et al . (2005, 19p):

Não há salas de aula, e sim lugares, onde cada aluno procura pessoas, ferramentas e soluções, testa seus conhecimentos e convive com os outros. São os espaços educativos. Hoje, eles estão designados por área. Na humanística, por exemplo, estuda-se História e Geografia; no pavilhão das ciências fica o material sobre Matemática; e o central, abriga a Educação Artística e a Tecnológica.

Conforme Rui Canário (2004), citado na literatura de Nogueira et al. (2005, 19p) há uma grande resistência, em Portugal, em aceitar o modelo da escola, que é baseado em três grandes valores: “a liberdade, a responsabilidade e a solidariedade”. Algumas pessoas consideram que todos precisam ser iguais e que ninguém tem direito a pensamento e ação divergentes.

Reencontrar-se em uma educação que ofereça uma nova práxis do conhecimento, e que ao mesmo tempo postula uma liberdade, uma autonomia, uma dialética de liderança e de organização, dentro do ensino-aprendizagem, demonstrando inquietudes dos indivíduos que a considere, principalmente pela abertura de novos caminhos pedagógicos, sendo estes, de reflexão e de ações, pela originalidade dos

princípios que as compõe, sendo assim, a pedagogia do “fazer a ponte”, são os princípios da “Escola da Ponte”.

Alguns aspectos importantes, deste ensino-aprendizagem, estão intitulados em uma ação cultural libertadora na maneira de educar, acontece em um ambiente observando as diferentes realidades, seguida de diferentes relações, destacada por Freire, em 1970, ao publicar um texto de resposta à entrevista para a revista Risk, em Genebra na Suíça, propôs uma evolução intelectual popular, contida no desenvolvimento e na transformação social, ainda segundo Freire (1969), a realidade e o conhecimento, condicionam as relações, e as formas de comportamento entre homem-mundo, e se haver a criação de novos valores culturais, devem ser estes investigados, desmembrados para melhor transformá-los ou decodificá-los, humanizar.

No campo da educação, para que haja possibilidades positivas, de elevar o homem ao intelecto de liberdade, seria proporcionar e oferecer com clareza que métodos e técnicas que se pretende utilizar, citado por Freire (1969), afirmado por (ALVES, 1980, p.52) em sua obra “Conversas com quem gosta de ensinar”, este autor contribuiu para divulgação de diferentes formas pedagógicas, como a da Escola da Ponte, retoma o discurso ético filosófico em que a educação é um processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade, validando a importância das práticas pedagógicas, pautada no indivíduo, e de sua autoconsciência.

Diante dos vícios educacionais atuais, na maioria das instituições escolares, Alves (1980), lembra que a pessoa passou a ser definida de acordo com sua produção: a identidade é engolida pela função. E isto se tornou tão arraigado que, quando alguém nos pergunta o que somos, respondemos inevitavelmente dizendo o que fazemos. A pessoa praticamente desaparece, reduzindo-se a um ponto imaginário de várias funções amarradas.

É importante que a instituição escolar enquanto organização produtora de conhecimentos assuma uma identidade própria que a torna totalmente independente das pessoas que a fundaram e mesmo daquelas que são seus membros, ou seja, autoridade representativa escolar, para o despertar de uma consciência objetivando o processo de libertação, (FREIRE, 1969, p.31), isto significa estar em constantes exercícios de liberdade.

Agir, refletir constantemente, no processo do que seria a libertação dos grupos envolvidos, questionar como buscar a tão sonhada autonomia, como fazer os alunos aprenderem, se identificar com a escola. A autonomia de seus agentes seria uma forma

de humanização, sem o uso da força, sendo este um dos princípios da Escola da Ponte, pois esta instituição viabiliza todos os processos de investigação da autonomia do saber, Freire (1969) “estou escrevendo, pensando, refletindo”, ao invés de transferir o conhecimento pronto, por exemplo, é necessário convidar a consciência dos alunos a assumir uma atitude, assim os estudantes, buscarão diferentes lócus de aprendizagens e de estudos.

O estudante aprende por meio de suas próprias atividades “autonomia intelectual”, como um processo eminentemente pessoal, cada estudante deve desenvolver os seus próprios hábitos, levando em consideração os valores culturais diários já existentes nos mesmos, constituindo-se como principais fatores de influências sobre a aprendizagem, adquiridas em sala.

A Escola da Ponte, ela mesma na teoria e na prática, baseada em seus princípios, Solidariedade, Autonomia, Responsabilidade e Democraticidade, e quando vamos a uma escola tradicional, sabemos o que, o geral, vamos encontrar: salas de aulas, em cada sala um professor, o professor ensinando, explicando a matéria e as habilidades previstas nos programas oficiais, as crianças aprendendo muda-se de professor, a cada 50 minutos de aula, pois há professores de matemática, de geografia, de ciências, etc., cada um ensinando a disciplina de sua especialidade e formação, Alves (2001). Porém se houver projetos estabelecidos dentro da burocracia dos órgãos educacionais é bem visto, mas também algumas escolas são abertas a projetos que retornam resultados de suas aplicações a própria instituição escolar, se caso não, acabam se tornando muitas vezes projetos seletivos e isolados.

O currículo da Ponte, por Carraro (2006), está fundamentado no currículo oficial, aquele que é válido para todas as escolas portuguesas, são adaptados aos serem montados pelos professores da mesma, distribuídos para os alunos recebem o nome de “Roteiros”.

À lógica do ano ou da série na Escola da Ponte, distribui os alunos da seguinte forma: do 1º ao 9º ano, alunos com idade entre 5 anos e 10 meses, até crianças maiores e adolescentes aos 17 anos, agrupadas e distribuídas em três núcleos. O primeiro núcleo é a “Iniciação”, o Segundo é a “Consolidação” e o terceiro é o de “Aprofundamento”, todos seguem um plano quinzenal de cumprimento das atividades propostas nos roteiros, realizam uma auto avaliação de forma coletiva. Os alunos são misturados entre os gêneros, somente são orientados pelos professores em caso de dúvida ou em extrema necessidade, pois os mesmos propõe soluções para superá-los.

O conhecimento é uma árvore que cresce da vida. Sei que há escolas têm boas intenções, e que se esforçam para que isso aconteça. Mas as suas boas intenções são abortadas porque são obrigadas a cumprir o programa. Programas: são entidades abstratas, prontas, fixas, com uma ordem certa. Ignoram a experiência que a criança está vivendo. Aí tenta-se, inutilmente, produzir vida a partir dos programas. Mas não é possível. (ALVES, 1980, p.8).

De um modo geral, professores e alunos passam parte significativa de seu tempo na escola. Independentemente do currículo ou projeto, os alunos estabelecem vínculos entre si, criam formas de relacionamento. Alunos, seus responsáveis e professores buscam estratégias de sobrevivência em relação às exigências da escola, em um projeto como o da Ponte, quando assumido por toda a comunidade escolar, resulta em grandes conquistas como em fevereiro de 2004, tal comunidade escolar, conquistou o direito de ser a primeira escola de Portugal, consolidada, ou seja, teve sua prática reconhecida e ainda sem deixar de ser pública, ao assinar um contrato de autonomia com o Ministério da Educação.

Com o contrato de “Autonomia”, foram ampliadas as possibilidades de cada vez mais o projeto e seus princípios se fortalecerem naquela comunidade. Na Escola da Ponte, seleciona-se os seus profissionais, ao final de cada ano letivo os mesmos passam por avaliações, dispensando aqueles cujas práticas forem contraditórias aos princípios do projeto.

Quando ocorre algum “problema” ou dificuldade de convivência entre os alunos, assim como nas atividades com relação às disciplinas apresentadas nos roteiros, elaboradas pelos professores, Alves (2001), as crianças estabelecem um tribunal ou assembleia, todas as sextas-feiras, com duração de uma hora, que discutem em conjunto as regras de convivência estabelecidas pelos próprios estudantes no início do ano letivo, e aquele que desrespeitou ao seu limite tem de comparecer perante esse tribunal. Sua primeira pena é pensar durante três dias sobre os seus atos, depois ele retorna, para dizer o que pensou, mas não é excluído do projeto e nem das atividades e do convívio com os demais.

O que existe é uma organização democrática e cooperativa, até mesmo na hora de montar as chapas candidatas para assumir a responsabilidade das assembleias, obrigatoriamente, deve conter integrantes de todas as idades e núcleos, uma expressão de solidariedade, e entende-se que todos os indivíduos são capazes. Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores, dos princípios.

A escola que compreende como os saberes são gerados e nascem, faz com que os processos de avaliação sejam despercebidos, pois a aprendizagem na Ponte ainda conta com músicas durante a aula nos salões, e se excedem o som, significa que estão ultrapassando os limites, e os mesmos retomam para os “saberes compartilhados”.

Todos se ajudam, não há competição, ocorre à construção das aprendizagens, e dos princípios, Solidariedade, Autonomia, Responsabilidade e Democracia.

No início da consolidação dos princípios do “Fazer a Ponte”, muitas pessoas acreditaram que o comportamento dos alunos iria piorar, devido à flexibilidade das normas. Enquanto a maioria, boa parte delas as autoridades responsáveis discute a qualidade do ensino e falta de comprometimento por parte dos alunos, na Ponte, todos trabalham sem que seja preciso que alguém lhes diga que devem trabalhar. Trabalham com concentração e alegria, buscam o conhecimento.

### **3.3 Fazer a Ponte: o Princípio da Solidariedade**

Escolas e seus professores, são responsáveis pela maioria das lembranças e marcas nas vidas de seus alunos, (PACHECO, 2006, p. 17) de fato é que as histórias demonstram uma verdade sempre evidente, destas em que os professores que não usam a pedagogia como uma mera ciência ou arte, mas ajudam outros aprendizes a aprender a arte de viver.

Ainda para Alves (1980), Professores, há aos milhares, mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor e educador ao contrário não é profissão, é vocação e toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança, (FRANÇA; PERES, 2013), o que vemos hoje em muitas de nossas escolas é a falta de professores qualificados, sendo assim há uma preocupação primeira com o perfil dos educadores, passam a ser professores - tutores. Dentre os que ainda insistem na profissão, muitos deles estão afastados e outros com medo do que os espera nas salas de aulas se anulam como profissionais ou seus instrumentos pedagógicos.

Os instrumentos pedagógicos se baseiam no princípio de que todo o ser humano está permanentemente em processo de aprendizagem e desenvolvimento. Um dos primeiros instrumentos pedagógicos, da Escola da Ponte de Portugal e outras instituições que seguem como a já citada a Desembargador Amorim Lima neste trabalho, concentram-se nos indivíduos, na solidariedade.

Essa convivência traz em si a necessidade do diálogo, da construção coletiva, do confronto, da negociação, do respeito, da solidariedade, no aprendizado da democracia, (PAIER, 2009), em que na Ponte se constrói no dia a dia, de forma coletiva. Piaget confirma a importâncias das experiências coletivas, a cooperação entre os envolvidos como um fator primordial para o desenvolvimento da autonomia das crianças que através dessas relações se libertam.

Somente o “fazer juntos”, garante o projeto pedagógico de uma escola realmente se concretize no âmbito escolar, a docência compartilhada pode ser um começo, na Ponte, as posturas adotadas é uma forma solidária para ajudar em todas as dificuldades.

### **3.4 Fazer a Ponte: O Princípio da Autonomia**

Os alunos aprendem a ser autônomos e a lidar com a liberdade de forma responsável, na Ponte este princípio, também se baseia-se na presença do professor, a repensar a maneira de educar buscando uma educação para a autonomia “liberdade”, pois este sempre está em contato direto com os alunos, dentre as dúvidas e vontades dos mesmos. A autonomia pode ser interpretada por meio das pesquisas que são realizadas nas aulas ou paralelas a elas, objetivando a formação de cidadãos consciente de suas realidades que devem ser respeitadas e consideradas.

[...] Não passa de um grave equívoco a ideia de que se poderá construir uma sociedade de indivíduos personalizados, participantes e democráticos enquanto a escolaridade for concebida como um mero adestramento cognitivo (PACHECO, 2008 p. 13).

[...] Escola da Ponte, continuam e certamente continuarão a servir de inspiração para uma futura geração de professores que visam uma educação diferente, voltada ao desenvolvimento de valores como: a autonomia, a solidariedade, a responsabilidade e a formação de cidadãos mais críticos, cultos e capazes de se comprometerem com a construção da sociedade. Para seu idealizador a Escola da Ponte é a concretização de que a utopia é realizável (FRANÇA, M. D. PERES, M.R, 2001.p. 25).

A práxis da educação brota da luta, pela busca da vida em abundância, Freire (2004), pela curiosidade ao conhecer, pela ética. Em sua obra *Pedagogia da Autonomia* em 2010, destacou que quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, “ensinar inexistente sem aprender”, tornando os aprendizes criadores de ideias, dos quais assumem o papel principal de forma a pensar os conteúdos.

Na Ponte, o ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, sobretudo das classes populares que chegam as instituições escolares. A autonomia no saber, se define em duas dimensões, a comunidade escolar, a escola e a comunidade familiar, e admitem o poder de influência destas dimensões na aprendizagem de seus alunos.

Ainda neste princípio, a escola terá que discutir e expor de forma clara os valores coletivos que prioriza, delimitando-as, definindo os resultados desejados e incorporando instrumentos específicos de avaliação dos seus alunos se necessário. As características sociais, culturais proporcionam reflexão sobre os problemas reais, organizacionais e assim o planejamento dará sentido às ações cotidianas.

### **3.5 Fazer a Ponte: O Princípio da Responsabilidade**

Saber ser solidário é uma dinâmica social, dentro da Escola da Ponte, toda metodologia parte de princípios, como a da “responsabilidade”, que significa atitude, otimismo e as possibilidades da construção e curiosidades sobre diversos conhecimentos ontológicos, políticos, éticos e epistemológicos.

Responsabilidade tem de ser muito bem fundamentada e deveria estar enquadrada nas escolas regulares, Pacheco (2008), as Leis de Diretrizes e Bases, da forma com que foi deixada em 1996 era quase perfeita para a educação brasileira, principalmente se ocorresse o cumprimento daquilo que está proposto, ou seja, inscrito, isto já seria revolucionário.

A Ponte é uma nova prática e inicialmente discursiva e inusitada, causadora de alguns receios, muitas vezes chamados de utópicos, porém acabou catalisando uma progressiva reestruturação do conhecimento. Uma intervenção quando responsável envolve forças coletivas, gera sensibilidade às situações, reconhece o valor de quem ensina quem aprende, e livremente os processos provocam novas possibilidades educativas, a coerência entre teoria e a prática, entre os valores.

Sendo a escola uma instituição de transição, é um modelo da sociedade, a responsabilidade sobre ela é de todos, pois nesta estrutura física só funciona com os alunos, se estiver com alunos, o conhecimento deve ser compartilhado por todos. Supõe um conhecimento cada vez mais aprofundado de si próprio e o relacionamento solidário com os outros.

Não deve haver competição e sim cooperação, isto compõe o princípio da responsabilidade, todos no projeto realizam o “Fazer a Ponte”, estabelecem os

mecanismos responsáveis pela aprendizagem, uma vez que os saberes do cotidiano, já citados, não seguem programas ou roteiros, os alunos precisam se identificar, se sentirem pertencentes nas instituições em que estão inseridos, cuidar, zelar pela mesma, com o auxílio indispensável do professor, o indivíduo mais próximo depois da família e dos diretores, principalmente para lidar com aqueles que se recusam a obedecer às regras, com isso as crianças vão aprendendo as regras da convivência democrática.

De acordo com (ALVES, 2001, p.4), certamente é devido o seu projeto político pedagógico que a Escola da Ponte, possui a visibilidade que tem hoje, pois representa um conjunto de princípios, orientações e práticas que romperam, em todos os sentidos, com os paradigmas da escola tradicional.

### **3.6 Fazer a Ponte: O Princípio da Democraticidade**

No projeto educativo da Escola da Ponte de Portugal, o Ministério da Educação daquele país revela que, em primeiro lugar é indispensável em qualquer instituição escolar daquele país, formar cidadãos cada vez mais cultos autônomos, de forma coesa e solidária. E na Ponte claramente isso pode ser reconhecido, pois é assumido por todos os alunos, pais, profissionais da educação e os demais agentes educativos, o princípio da Democraticidade consiste em formar cidadãos.

Reconhecer a democraticidade no projeto está no direito dos pais em escolher o melhor sistema educativo que considerem mais apropriados à formação dos seus filhos, a intervenção de todos os agentes e parceiros na vida escolar, serem ouvidos principalmente sobre a administração educativa assim a escola apresenta-nos uma formação bastante humanística.

Como cada ser humano é único e irrepitível, a experiência de escolarização e o trajeto de desenvolvimento de cada aluno são também únicos e irrepitíveis. Todo o conhecimento verdadeiramente significativo é autoconhecimento, pelo que se impõe que seja construído pela própria pessoa a partir da experiência. (PROJETO EDUCATIVO DA ESCOLA DA PONTE, 2003, 2-3p).

O pensamento pedagógico e a práxis da escola regular tornaram-se obsoletos, apresentam dificuldades de gestão e variados percursos individualizados de aprendizagem, apresentam-se hierarquizados. Não generalizando, mas o professor explica, escreve e os alunos tomam como verdade, pois os mestres estão em várias

escolas durante o dia para completarem suas cargas de trabalho, e os alunos não questionam, não são críticos, não são autônomos.

Assim até que ponto os princípios da escola da Ponte, envolve uma reflexão crítica sobre o currículo regular? Uma vez apresentada às metodologias de ensino aprendizagem, pela democraticidade deveriam ser alunos durante o desenvolvimento das competências que lhe são apresentadas. Atitude que qualificaria o percurso educativo dos alunos envolvidos, democraticamente escutaria os alunos.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

##### **4.1 O Ensino Estadual Paulista e os Pressupostos dos Princípios da Ponte na Geografia Escolar**

A originalidade do projeto fazer a ponte, consiste na desconstrução da ruptura com sistemas tradicionalistas como os viés apresentados no Estado de São Paulo. A criança já chega na escola com saberes referentes à sua cultura, capaz de tomar decisões prévias e organizar-se para aprender, porém o que muitas vezes acontece são aprendizagens abstratas que necessitam ser explicitadas pelos professores, que diante de um número considerado de alunos, dotados de histórico de vivência singulares, percebem que estão inseridos em um sistema consolidado e imutável.

O sistema educacional brasileiro carrega números e dados em seus documentos que em muitas vezes não revelam a real condição que vive o ensino e suas escolas. Implantou-se diversas disciplinas, são estas importantes para a percepção de mundo nas crianças, porém com poucos recursos didáticos que acompanhe o professor na elaboração de suas aulas. Presenciam constantemente a tentativa dos governantes descrevendo suas instituições escolares como sendo instituições coletivas e democráticas.

Os alunos das escolas estaduais, principalmente nos anos finais do Fundamental, possuem relações ambíguas entre eles durante os momentos de convivência, e na sala de aula, o que retoma o significado da autonomia, proposta como princípio no método da Ponte. O princípio da autonomia, não pode ser entendido inicialmente como uma mera aplicação nos alunos, como sendo uma forma de auto-determinação. Pois existem várias leituras sobre o mesmo, em que a mais considerada é a autonomia que gere também a

responsabilidade, o respeito à pessoa, o autogoverno e assim a autodeterminação dos alunos em tomarem decisões relacionadas à suas vidas e sobre suas relações sociais.

Como professora, a minha maneira de ensinar e os alunos ao aprenderem os conteúdos de Geografia, percebi eles não possuíam identificação e apresentavam ausência de responsabilidade quanto à convivência entre eles, e eles estavam aprendendo mais uma disciplina por “obrigação”, como forma de obtenção de nota para passar de ano letivo. De início não encaixa meu papel docente naquele grupo e quando o sentia não era suficiente para iniciar nenhum processo de conscientização e formação de alunos conscientes e capazes de projetar uma boa escola.

Foi então que eu tive certeza em aplicar os princípios da Escola da Ponte, na sala do 7º A, pois tinha aulas seguidas de Geografia, de segunda, quarta, quinta e sexta-feira. Pensei também que os alunos iriam estranhar ou não aceitarem a ideia. Era uma sala de 17 alunos e em sua maioria meninos, somente 6 meninas, e nos primeiros momentos que comecei a mudar a minha metodologia de aprendizagem, notei que aconteceu o contrário, os alunos começaram a mudar de atitudes durante as aulas assim como toda a comunidade escolar, que argumentou que a única condição era que as propostas do trabalho não saísse dos parâmetros curriculares estaduais.

Da metodologia da Ponte, utilizei somente seus princípios e algumas atividades de responsabilidades, mas as responsabilidades se apresentavam como resultados das aplicações dos princípios que estavam acontecendo naquela sala, envolvendo aqueles alunos, os meus alunos, e o trabalho estava se desenvolvendo de forma positiva. Partilhamos do mesmo propósito durante 2º bimestres, equivalente a aproximadamente a 3 meses.

Lembrando que foi entregue um documento explicando a proposta que seria aplicada no 7º A, para direção, coordenação e para a professora mediadora da escola, a sala era localizada na parte superior da mesma, juntamente com os outros dois sétimos B e C, outra que eu dava aula era o 7º C, porém o 7º A foi escolhido justamente pelo motivo de ser uma sala que já demonstrava interesse em “saber”, pelas constantes brigas que aconteciam durante as aulas entre eles próprios assim para Romão (2012) um novo projeto- pedagógico enfrentará sempre a descrença generalizada dos que pensam que nada adianta na instituição escolar, aqui a escola Dom Antônio.

Eu como professora explicava o conteúdo de Geografia percebi, quando cheguei na escola que os alunos não só do 7º A, estavam acostumados a fazer os exercícios no caderno ou na apostila, copiando da lousa, não tentavam responder, frequentavam a sala

de vídeo em algumas situações de aprendizagens, e principalmente copiavam textos da lousa. E a participação dos responsáveis pelos alunos, era somente para avaliar os resultados finais (as notas) nas reuniões bimestrais, ou quando os alunos infringem as regras da escola (Indisciplinados).

Os alunos foram comunicados pela professora que no terceiro bimestre seria adotado uma maneira diferenciada de trabalhar as aulas de Geografia quando eles retornassem das férias, e não havia necessidade de comprar novos cadernos, pois os alunos gostam de comprar novos materiais para iniciar os estudos no período pós-férias.

No primeiro dia de retorno das aulas, um caderno brochura pequeno de 96 folhas, (Figura 11) foi entregue aos alunos individualmente, o caderno foi encapado com folha de sulfite branca e colocado uma etiqueta que os próprios alunos colaram com seus nomes, de imediato perguntaram se poderiam desenhar no caderno, eu autorizei e como não foram eles que escolherão o caderno, era importante que estes se identificassem com o próprio material de uso escolar.

Por incrível que pareça, no decorrer das aulas não arrancaram uma única folha do caderno que disponibilizei, nos cadernos anteriores dos quais eles usavam, os mesmos arrancavam as folhas e ainda faziam bolinhas de papel. Todo final de aula os cadernos eram recolhidos, e levados pelos alunos para serem guardados na sala dos professores, porém alguns alunos começaram a pedir para levar para a casa e terminar o conteúdo (Figura 12).



Figura 11. A - Caderno de Brochura do 7º A. B - Desenhos confeccionados pelos próprios alunos do 7º Ano A, nos cadernos, para serem utilizados nos registros das aulas de Geografia no Ano letivo de 2015. C - Conteúdos de Geografia nos cadernos de brochura - Alunos.

Foto: Vaz (2015)

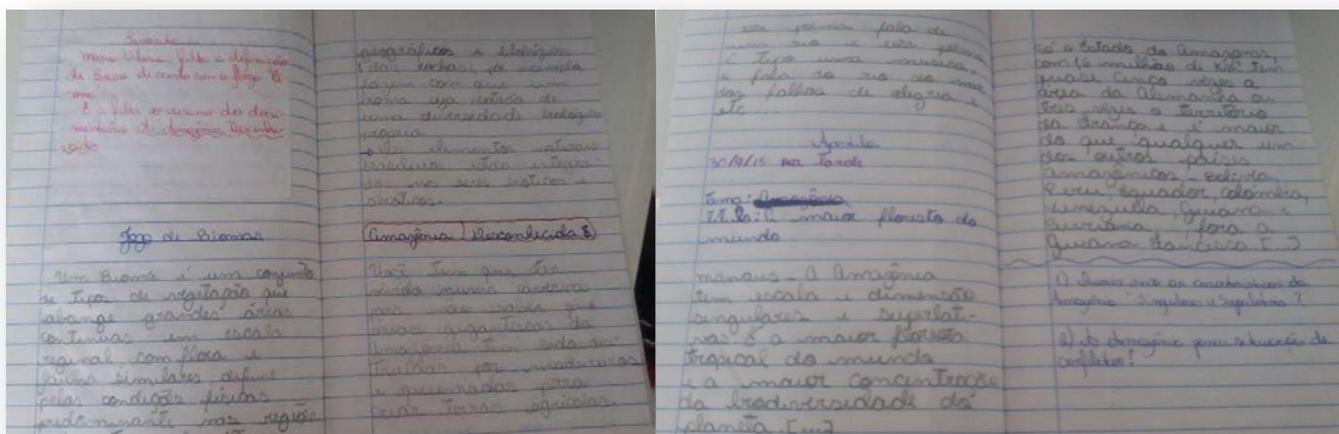


Figura 12. Conteúdos de Geografia nos cadernos de brochura - Alunos.  
Foto: Vaz (2015)

A forma com que os conteúdos de Geografia foram apresentados aos alunos, foi assim como na Ponte por “Roteiro” de estudo ou para os alunos os “Roteiros de Pesquisa” (Anexo), a esquematização completa do primeiro roteiro, utilizado pelos alunos nas aulas de Geografia, foram tirados com base no roteiro apresentado na escola Amorim Lima de São Paulo, e foram entregues duas semanas após serem entregues os cadernos, assim como foi entregue para a coordenadora da escola, da qual avaliou toda a proposta que nesta continha, de forma que viesse acompanhar as propostas do currículo do Estado, um projeto-pedagógico não nega a escola e nem sua história, ou signifique uma falta de improbidade de seus diretores, mas significa que diante das dificuldades e obstáculos, a escola deixe de ser apenas um aparelho burocrático do Estado.

Cada escola segundo Romão et al.; (2012), é resultado de um processo de desenvolvimento de suas próprias contradições, não existem duas escolas iguais, a escolas são semelhantes pois estão inseridas no sistema educacional estadual paulista, com o mesmo recursos de distribuição de apostilas direcionadas por um currículo unificado de condução do ensino, já o conhecimento dependerá do professor e como este conduzirá o mesmo.

Assim Situação de Aprendizagem 1, da apostila de Geografia do Estado foi realizada de forma coletiva (Figura 13) envolvendo os alunos, e na segunda etapa de aplicação a realização do Roteiro foi de forma individual (Figura 14) sempre acompanhando a apostila da disciplina.

Todo final de roteiro continha uma atividade, era um trabalho de pesquisa, que buscava a autonomia dos alunos, dos quais apresentaram em forma de seminário (Figura 15) para a sala toda. Durante os seminários e as correções dos conteúdos, observou-se a participação dos alunos que pouco se interessavam de início pelo conteúdo, sim, eles participavam sem vergonha em expor, temas como “Biomass”, Situação de Aprendizagem 2, explicar as características de cada um, o que surpreendeu-me, pois é difícil eles fazerem seminários nas disciplinas da escola.

Pela observação realizada os alunos não copiavam mais as lições uns dos outros, os mesmos, buscavam as respostas dos exercícios, depois eram compartilhados em sala. Cada grupo escolheu uma situação de aprendizagem da apostila, podendo até ser a mesma, mas se diferenciavam na maneira de realiza-las, pois durante uma correção que ocorreu em uma Segunda – Feira, os próprios alunos que corrigiam os exercícios indo até lousa para escrever a resposta que colocaram ou comentavam sobre os exercícios dos quais tinham feitos.

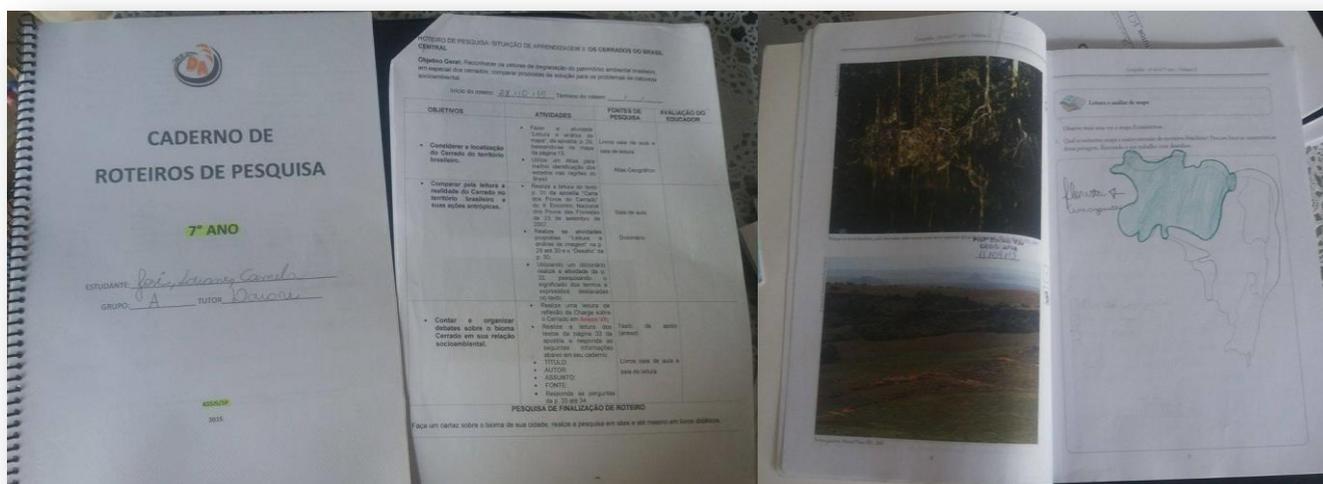


Figura 13. Roteiro de Pesquisa Individual (Esq.) e a página correspondente à Situação de Aprendizagem 3 da Apostila do aluno (Dir.), (2015).

Fonte: <[http://www.cadernodoestudante.com/2015/04/respostas-caderno-do-aluno-de-geografia\\_5.html](http://www.cadernodoestudante.com/2015/04/respostas-caderno-do-aluno-de-geografia_5.html)>

Foto: Vaz (2015)

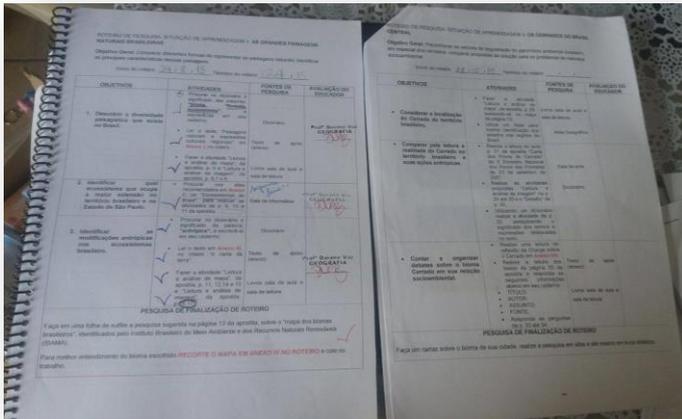


Figura 14. Roteiro de Pesquisa (Esq.) e página correspondente à Situação de Aprendizagem 1 da Apostila dos alunos (Dir.), (2015).

Fonte: <[http://www.cadernodoestudante.com/2015/04/respostas-caderno-do-aluno-de-geografia\\_5.html](http://www.cadernodoestudante.com/2015/04/respostas-caderno-do-aluno-de-geografia_5.html)>

Foto: Vaz (2015)



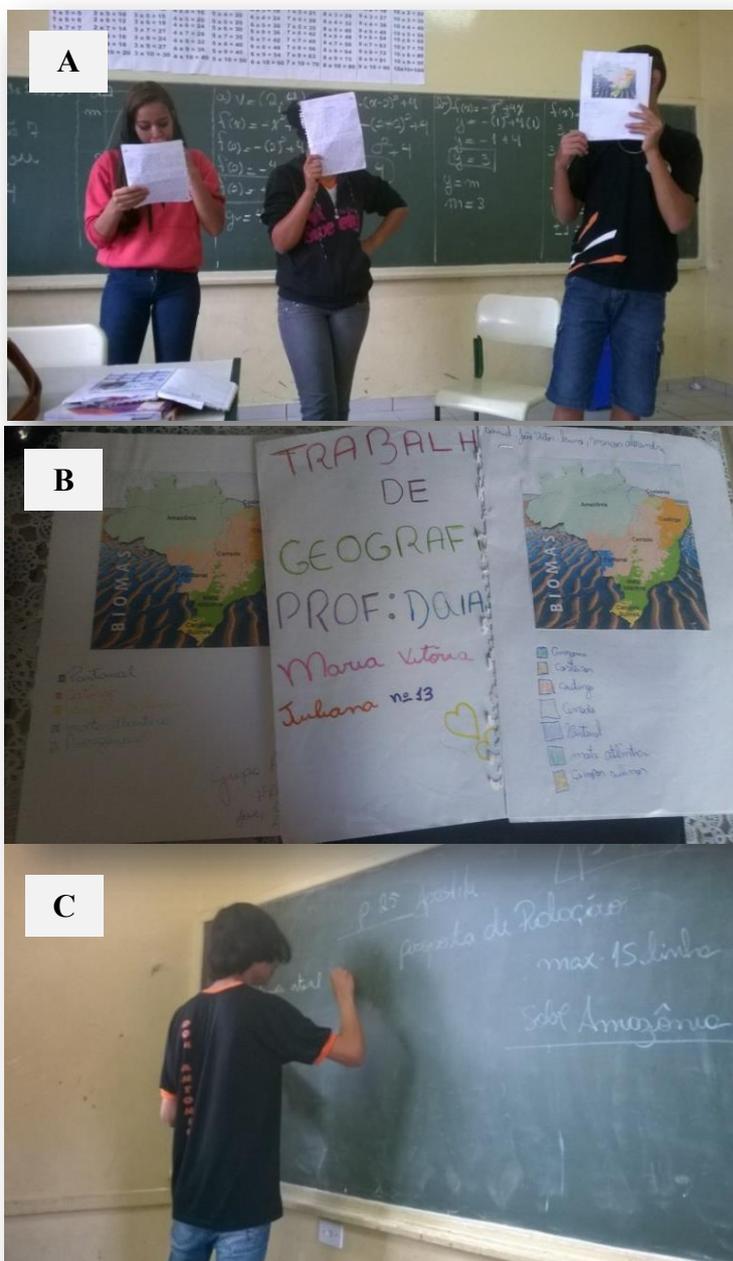


Figura 15. A – Seminário de finalização das Aprendizagens dos Roteiros e da Apostila de Geografia do 7º A. B- Atividades de finalização dos Roteiros apresentadas pelos alunos do 7º Ano A, seminários. C - Correção das atividades realizadas durante as aulas de Geografia. (2015).

Foto: Vaz (2015).

Os estudos eram em sua maioria de forma coletiva, foram feitos grupos de estudos durante as aulas de Geografia, os alunos agruparam suas carteiras, e trabalharam juntos os conteúdos da disciplina, (Figura 16) eu sendo a professora, somente auxiliei ajudando somente nas orientações necessárias de como entender o roteiro no início e durante a circulação dos alunos pela escola.



Figura 16. Alunos trabalhando os conteúdos de Geografia na Sala de Aula - 7ºA (2015).  
Foto: Vaz (2015)

Os Roteiros de estudos ou pesquisas, quando foram cogitados estudos individuais os alunos do 7º A optaram em continuar trabalhando em grupos, assim como no primeiro Roteiro, do qual eles faziam as atividades e os conteúdos de Geografia. E quando precisassem, pesquisavam os conteúdos na Sala de Aula, Sala de Informática (Figura 17), Sala de Leitura (Figura18) ou na Sala de Vídeo (Figura 19).



Figura 17. Alunos trabalhando os conteúdos de Geografia na Sala de Computação- 7ºA (2015).  
Foto: Vaz (2015)



Figura 18: Alunos trabalhando os conteúdos de Geografia na Sala de Leitura - 7ºA (2015).  
Foto: Vaz (2015)



Figura 19: Alunos trabalhando os conteúdos de Geografia na Sala de Vídeo - 7ºA (2015).  
Foto: Vaz (2015)

Os alunos também criaram grupos de responsabilidade na escola, com o objetivo de “cuidar da escola Dom Antônio”, em que eles puderam escolher o que fariam de forma voluntária. Voltaram-se para um agir coletivo, como um bem público, sendo capaz de proporcionar um diálogo crítico e reflexivo entre os mesmos e a própria escola pública. A autonomia exige, em primeiro lugar, uma mudança de mentalidade de todos os membros da comunidade escolar, principalmente os alunos, para uma mudança que implica deixar de lado o “velho”, ou seja, os velhos costumes indisciplinados e desrespeitosos, e a forma com que eles estudavam durante as aulas, sendo meros receptores dos serviços educacionais, e foram convidados a assumirem parte da gestão e parte da responsabilidade da escola.

O professor ao transferir autonomia para os alunos, não significa que estes perderiam sua autoridade, pelo contrário, os princípios da Escola da Ponte, convida para que no processo de elaboração ou de criação de novos trabalhos se leve ao conhecimento mútuo entre os envolvidos, professor- aluno.

A Geografia possibilita compreender diante da forma atual da sociedade e no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico capitalista da mesma, que as relações sociais condicionam as disparidades sociais, e suas problemáticas que afligem os indivíduos, mesmo assim enquanto disciplina escolar a Geografia presencia e analisa o estado real dos acontecimentos, propondo soluções.

Assim para entender melhor as etapas em que o trabalho foi feito, este foi dividido em um calendário de acordo com os dias de aula de Geografia do 7º Ano A, em que Segunda e Quarta, os grupos ficavam alocados em algum dos espaços já citados anteriormente na própria escola para desenvolver suas atividades. Os alunos saíam da sala de aula identificados com o uso do crachá, e ficavam com a presença do responsável do setor correspondente ao estudo que estava sendo realizado, algumas vezes eu os acompanhava nesses espaços, quando não ficava na sala de aula também com um grupo de alunos, todos seguiam as atividades ao mesmo tempo, estas orientadas no roteiro, escreviam na apostila de Geografia ou no caderno de brochura.

Quinta os alunos passavam pela aula de tutoria comigo (Figura 20) que os orientava quanto às dúvidas existentes, indicando livros, filmes ou sites para pesquisas, tudo era corrigido individualmente, aproveitava e perguntava sobre as relações dos grupos com o conteúdo que foi oferecido naquela situação de aprendizagem, ou seja, entre eles, de forma coletiva, estimulando o princípio da solidariedade. Durante as orientações como professora, alguns dos alunos aproveitavam e cumpriam suas responsabilidades, (Figura 21) a seguir, os marca-textos confeccionados pelo grupo responsável pela “Sala de Leitura” e os cartazes (Figura 22) do grupo “Conscientização”.



Figura 20. Alunos do 7º A, realizando a aula de Tutoria, com a Prof.<sup>a</sup> Daiane de Geografia, verificando a realização dos conteúdos da disciplina em sala de aula, pelo currículo e pelo Roteiro (2015).

Foto: Cruz (2015)



Figura 21. Atividades sendo realizadas pelos alunos em seus grupos de Responsabilidades na Sala de Aula (2015).

Foto: Vaz (2015)



Figura 22. A- Marca-textos, confeccionados nas atividades de Responsabilidade. B - Cartazes do grupo “Conscientização”, temática Meio Ambiente, confeccionados nas atividades de Responsabilidade durante as aulas de Geografia (2015).  
Foto: Cruz (2015).

Todas as sextas feiras, os alunos conferiam o que faltava fazer em seus grupos após as orientações que recebiam na tutoria, e completavam, também era dia de ver filmes e vídeos de forma coletiva, e eles anotavam em seus cadernos, respondiam questionários paralelos sobre os conteúdos que objetivava verificar novamente se os alunos assimilaram a proposta do roteiro e alcançaram as habilidades do conteúdo.

Durante o mês de Outubro, ocorreu uma semana voltada ao oferecimento de uma série de atividades para os alunos do período da tarde, como o Inter-Classe em comemoração ao dia das crianças, e também uma forma de amenizar o cansaço que pairava sobre a escola o “Descanso Livre da escola” (Figura 23), tirar o aluno e o

professor de dentro da sala de aula, e o grupo do Plantio planejaram e plantaram uma árvore na escola Dom Antônio.



Figura 23: Atividades dos Grupos de Responsabilidades, realizando o plantio de uma árvore na Semana de “Descanso Livre” da escola (2015).

Foto: Cruz (2015)

A forma com que as aulas de Geografia aconteciam, dependeu, sobretudo da ousadia dos seus agentes, era estranho ver alunos transitando em horário de aula pelo pátio da escola, o que antes pouco acontecia, deveriam estar dentro da sala de aula, porém já havia virado rotina, eles já estavam em sala de aula, estavam livres e estudando. Tudo que ocorreu ao aplicar os princípios da Escola da Ponte em minhas aulas de Geografia, necessariamente foi importante para a própria estrutura do projeto pedagógico de aprendizagem dos alunos, e era compatível ao plano político pedagógico da escola.

#### **4.2 Análise do Experimento: Os Princípios da Escola da Ponte para os Alunos do 7º Ano A.**

O conhecimento que estava sendo construído proporcionou um novo contato permanente de professora para com os seus alunos, tudo era mútuo, e acontecia de forma natural em relação ao conteúdo da Geografia, em que os alunos estavam aprendendo, a cada aula eles já sabiam o que fazer e o que faltava terminar.

Certa aula sobre os “Biomias, Situação de Aprendizagem 3”, foi feita por eles, os alunos uma observação das árvores presente na Praça da escola, característico do bioma do “Cerrado”, também presente no município dos alunos (Figura 24).





Figura 24. Observações das árvores do Bioma Cerrado, remanescentes presentes na Praça da Escola Dom Antônio realizadas durante as aulas de Geografia. (B) Alunos do 7º A, Situação de Aprendizagem 3 em Sala de Aula, após, a praça da escola montando o cartaz. (2015).  
Foto: Vaz (2015).

Foi tentado uma parceria com a prefeitura municipal da cidade para que fosse cedido um ônibus escolar, para levar os alunos até o Instituto do Horto Florestal do município de Assis, para um trabalho de campo, porém sem sucesso, de acordo com a Secretaria de Transportes da cidade ônibus da prefeitura só transporta alunos de escolas municipais, esta foi a saída encontrada pelos alunos e pela professora, ali os alunos estudaram durante 2 dias, buscou-se uma solução de forma coletiva e democrática para todos.

Ao desenvolver os conteúdo deve-se proporcionar a consciência crítica, e autônoma, conhecer a realidade dos alunos, durante as aulas de Geografia, a responsabilidade e criatividade foi um processo do envolvimento indireto e direto dos alunos, significando nas palavras de Romão et al.; (2012), “lançar-se para frente”, antever um futuro diferente do presente, em que os princípios da Ponte, pressupõe uma ação intencionada com um sentido definido, porém abertas a mudanças se necessário, desde o momento da concepção do projeto até o momento da institucionalização e implantação do mesmo.

Respeitar alguns pontos da instituição escolar, como suas regras foi essencial para o resultado da aplicação, por exemplo, como calendário escolar. Foi um esforço contínuo ao mesmo tempo solidário, paciente, dotados de pequenas ações de cidadanias.

Cidadania juntamente com a autonomia são a base de uma sociedade melhor em torno das quais oferecem diálogos visando um consenso, e “educar para a cidadania”, condiz com a afirmação de que não há cidadania sem democracia, deve-se, porém valer de regras definidas, de objetivos para serem executados socialmente, a construção de uma sociedade melhor que busca sua identidade, tal prática metodológica dos princípios da Escola da Ponte, aplicada se encaminhou para permitir uma compreensão científica da Geografia.

Todos os agentes escolares inclusive as autoridades competentes sabem das necessidades reais das escolas inseridas em seus sistemas escolares e o que são reproduzidos nas mesmas, o que muitas vezes desconhecem são as capacidades da grande parte dos alunos, mesmo aquele que apresenta comportamento que fere as regras, e muitas vezes se concentram em uma pequena parcela de alunos, acabam promovendo um modelo excludente no interior da escola, e competições entre os seus alunos.

Reconheço que na escola Dom Antônio, não havia tempo e nem olhar para selecionar alunos, pois buscava-se em grande parte do tempo, encontrar soluções para compreender, orientar e auxiliar seus alunos que passavam por momentos difíceis.

Foi então que os alunos do 7º A, iniciaram um curso básico de informática (Word, Power Point, Internet Explorer e Paint), com os alunos dos 6º anos da escola, como forma de levar a aprendizagem que estavam conhecendo para a comunidade escolar e a maioria dos alunos da sala e da própria escola não havia tido oportunidade de cursar um curso de informática. Eu levei a ideia até a coordenação e mediação, que aprovou a ideia, porém fui orientada que eu deveria providenciar um lanche para os alunos, que frequentassem o curso.

Os alunos fizeram uma seleção por nota, com alunos dos 6º A, C e D, pois uma vez que questionaram sobre o reforço escolar, que já era oferecido para os alunos que possuíam necessidades de aprendizagens, enquanto os alunos que alcançavam a notas exigidas bimestralmente ficavam excluídos e desanimados da escola, e merecendo ser reconhecidos, aceitei as justificativas. Todos os alunos compareceram nas aulas, que eram das 9:00 - 10:00 horas e se caso fossem faltar por livre espontânea vontade me avisavam pelo contato em Rede social, Facebook (Figura 25). O curso de informática oferecia certificação ao seu término (Figura 26), que era apoiado pelo Núcleo de Ensino da UNESP – Campus de Ourinhos – SP.



Figura 25. Alunos do 7º A, no grupo no Facebook, aberto durante o Projeto de Informática Básica da Escola da Ponte, que surgiu durante as aulas de Geografia (2015).  
Foto: Vaz (2015)



Figura 26. (A) Alunos do 7º A e alunos dos 6º Anos durante o Projeto de Informática Básica da Escola da Ponte na Sala de Informática. (B) Entrega dos certificados aos alunos do 7º Ano A e dos 6º Anos (2015).

Foto: Vaz (2015). Silva (2015)

As mudanças organizacionais e estruturais no sistema de ensino e consequentemente na Geografia escolar faz com que o princípio da Ponte representem novas informações e reformulações conceituais no currículo e também retoma a crítica-reflexiva da disciplina na formação dos sujeitos que se sentem a vontade para refletirem sobre a compreensão do espaço e do tempo, nas palavras de Romão et al.; (2012), a escola não ensina somente pelos conteúdos que trabalha em sala de aula, mas pelas relações que estabelecem com os alunos no dia a dia.

A boa lembrança que tenho foi ver os alunos pedirem os conteúdos, quando informados que o tempo de aula estava acabado, estes insistirão a continuar e para que eu voltasse a dar aulas de Geografia para eles no ano seguinte, pois o que eles viveram é um processo contínuo, e que continuará ao seu término com os alunos em reflexões de suas experiências vividas e de um bom trabalho feito na disciplina, (Figura 27) ver os alunos responder a respeito dos princípios étnicos na Escola originados da Escola da Ponte, nas assembleias e debates.



Figura 27. Alunos do 7º A, durante a realização da Assembleia (2015).  
Foto: Vaz (2015)

Tradicionalmente, os conteúdos ensinados na Geografia escolar são marcados pela fragmentação do saber e pelo distanciamento da realidade cotidiana dos educandos, se não trabalhados corretamente em sala, não buscar a autonomia dos alunos, corre o risco das aulas se tornarem perigos reais, Neto et al.; (2010), não basta ao professor ter domínio da matéria (conteúdos), torna-se necessário que o docente tenha a capacidade de pensar criticamente.

Não há como levar as pessoas a terem opiniões firmes, se ela não tiveram a oportunidade de construir na prática, Romão et al.; (2012), Para haver Geografia crítica

(ou uma Geografia renovada), é necessário, segundo Kaercher (2009), que se altere a relação professor-aluno, relação esta que se encontra de forma contínua, muitas vezes, fria, distante e burocrática, é importante recuperar a autoestima dos alunos, o que pode ser comprovado nos diálogos.

#### Diálogo 1- Aluna – 7ºA

**Daiane (Professora de Geografia):** Como você vê o projeto “Escola da Ponte” proposto na aula de Geografia?

**Aluna:** Muito bom, eu gostei. Os alunos foram para a informática, tinha Roteiro e o caderninho.

**Daiane (Professora de Geografia):** O que é Respeito, Solidariedade e Responsabilidade?

**Aluna:** Respeito é respeitar o próximo. Solidariedade é dar e receber sem custo algum e Responsabilidade é, cuidar de suas próprias coisas.

#### Diálogo 2 - Aluna – 7ºA

**Daiane (Professora de Geografia):** Hoje como você se identifica com a escola?

**Aluna:** Eu gosto por um lado que é bom, mas tem vez que eu não gosto. A escola é boa porque através dela podemos ter um futuro bom.

#### Diálogo 3 - Aluno – 7ºA

**Daiane (Professora de Geografia):** Hoje como você se identifica com a escola?

**Aluno:** Estudar, aprender, divertido passar o tempo.

**Daiane (Professora de Geografia):** Como você vê o projeto “Escola da Ponte” proposto na aula de Geografia?

**Aluno:** Eu vejo o futuro, eu gostei muito do projeto e da professora.

**Daiane (Professora de Geografia):** O que é Respeito, Solidariedade e Responsabilidade?

**Aluno:** Significa respeitar o próximo, aprender um com os outros e ter responsabilidade, ter palavra.

**Daiane (Professora de Geografia):** O que você entende de diferenças pessoais?

**Aluno:** Eu acho que cada um tem que cuidar da sua vida e não falar mal dos outros, porque todo mundo tem defeito.

#### Diálogo 4 – Aluna– 7º A

**Daiane (Professora de Geografia):** Hoje como você se identifica com a escola?

**Aluna:** Eu gosto da escola, mas de alguns professores eu não gosto, como a professora de inglês.

**Daiane (Professora de Geografia):** Como você vê o projeto “Escola da Ponte” proposto na aula de Geografia?

**Aluna:** Parece ser legal, interessante como sempre.

**Daiane (Professora de Geografia):** O que é Respeito, Solidariedade e Responsabilidade?

**Aluna:** Respeito é não bater boca com as pessoas, brigar, xingar, fazer Bullying com os colegas. Responsabilidade é falar uma coisa e cumpri-la. Solidariedade é ter dó.

**Daiane (Professora de Geografia):** O que você entende de diferenças pessoais?

**Aluna:** Que cada pessoa deve cuidar da sua vida e não da outra.

#### Diálogo 5 – Aluna – 7º A

**Daiane (Professora de Geografia):** Hoje como você se identifica com a escola?

**Aluna:** Com a escola não me identifico porque eu não gosto daqui.

**Daiane (Professora de Geografia):** Como você vê o projeto “Escola da Ponte” proposto na aula de Geografia?

**Aluna:** Muito legal, ocorre boa interação com a professora.

**Daiane (Professora de Geografia):** O que é Respeito, Solidariedade e Responsabilidade?

**Aluna:** Respeito é respeitar uma pessoa, solidariedade é ter dó de alguém. Responsabilidade é cuidar de algo.

**Daiane (Professora de Geografia):** O que você entende de diferenças pessoais?

**Aluna:** Diferenças pessoais são ótimas porque junta o pessoal com as virtudes, é o que eu acho sem dúvida.

### 4.3 Considerações dos Princípios da Ponte na Escola Dom Antônio

O indivíduo, com seus valores culturais e processos sociais, desta forma Alves (2000, p.12) afirma quanto à ciência que se aprende a partir da vida, ela não é esquecida nunca. A vida é o único programa que merece ser seguido, na busca do crescimento e do desenvolvimento individual, costume e tradição nada mais são, afinal, do que a razão e o mérito cristalizados e como tais considerados, como a vida, é um processo eminentemente pessoal, o acesso ao conhecimento sempre será novo, como algo duradouro.

A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores. A ética perpassa silenciosamente, sem explicações, as relações naquela sala imensa. (ALVES, 2000, p.5)

Pensar no indivíduo que serve de modelo para ser um bom aluno, o professor, estando diante de um círculo do ensino, que se enquadra no ensino atual, e que Alves (2001, p. 2) se refere, como sendo as linhas de montagem denominadas “escolas”, ao se organizarem como coordenadas espaciais e temporais. As coordenadas espaciais se denominam "salas de aula". As coordenadas temporais se denominam "anos" ou "séries". Dentro dessas unidades espaço-tempo os professores realizam o processo técnico-científico de acrescentar sobre os alunos os saberes-habilidades que, juntos, irão compor o objeto final.

Muitas vezes acabam se dispersando do verdadeiro sentido do que seria ensinar, perde totalmente a visibilidade e se revela, então, como um simples suporte para o saber assim como para as habilidades de seus alunos.

Os alunos acabam refletindo tal processo, que lhe foi apresentado e se tornam um produto igual a milhares de outros, para alguns professores a alternativa encontrada seria buscar a formação profissional, realizando cursos digitais oferecidos pelo governo do Estado durante o processo do ano letivo, na “Rede Saber”- Escola de Formação dos Professores, são cursos com certificações, como o curso do ECA (Estatuto da criança e do adolescente) ou Estudar: Como se aprende?, Cursos que poderão ser utilizados para contabilização de pontos para aposentaria do profissional educador efetivo no final da carreira, mas que propriamente aplicar em sala de aula com os alunos, por exemplo, alguns casos sendo recém-formado, ainda envolto de conflitos e dúvidas, não aplica em grandes significâncias, pois em sua maioria são Categorias O (Professor contrato).

Ao trabalhar com o dia-a-dia dos alunos não significa deixá-lo seguir seus interesses espontâneos, mas sim, ligar sua vida ao que se deseja ensinar, formando um verdadeiro cidadão com senso crítico, não aquele indivíduo que reproduz o discurso e as ideias dos outros.

Consolidadas em seus fundamentos os princípios da Escola da Ponte, foi proposto como uma forma de mudança da estrutura pedagógica desta instituição escolar, Dom Antônio José dos Santos, desde as dimensões de aplicações das práticas diárias que estavam ocorrendo até o currículo educacional do Estado de São Paulo.

A escola é a livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença, os jovens devem ser constantemente estimulados ao exercício dessas atividades Romão et al. Godotti (2012). Na organização do trabalho na escola, em que o aluno aprende apenas quando ele se torna sujeito de sua aprendizagem, passamos muito tempo na escola para sermos meros “clientes” dela, ainda segundo estes autores, não há educação e aprendizagem sem sujeito de educação e da aprendizagem.

O aprendizado ou a discussão das noções de “trabalho” e “cultura” já citados anteriormente neste trabalho, na escola Dom Antônio, jamais se separa de uma tomada de consciência que parte do senso comum. E esta consciência significa o começo da busca de uma posição vitoriosa sobre a “atmosfera ideológica” enfrentada pela escola, Freire (2011).

Nesta etapa inicial, o trabalho foi apresentado a toda equipe administrativa da escola, a direção, a coordenadora e a professora mediadora, em que ocorreu de uma rápida conversa, sobre o interesse em escolher uma sala, para aplicar os princípios da Ponte nos alunos, e estes participarem de uma série de atividades nas aulas de Geografia e na própria escola.

Constantemente ocorre a manipulação de informações da Secretaria da Educação local, da qual cobra resultados da escola, que encara uma dura realidade, mesmo por possuir boa e considerável estrutura física, e um ambiente agradável para os seus alunos, e o esforço constante da direção, coordenação e mediadora, assim como toda a equipe escolar em estimular o viés proposto pelo Estado para o seu bom funcionamento e de luta por caminhos melhores.

Não há educação fora das sociedades humanas, e não há homem no vazio Freire (2011), o esforço já é algo marcado na educação brasileira, vários planos pedagógicos, que geram novos desafios, que se organizado pode a vir conseguir construir e encontrar

boas ferramentas, ou seja, um lugar, neste caso a escola, a sala de aula, as aulas de Geografia, para aperfeiçoarem as relações e modifica uma realidade.

O adentramento de uma nova prática didática, iniciada nas aulas de Geografia, proporcionou conforme relatado pelos próprios alunos abaixo, ao exporem seus sentimentos e opiniões, sobre os problemas mais angustiantes que enfrentam no dia a dia escolar e a falta de oportunidade sobre a vida fora da escola, em uma sondagem realizada em sala, segundo eles, antes dos princípios era [...] “escola “chata”, [...] “escola não me identifico, porque eu não gosto daqui”, [...] “Eu gosto da escola mais de alguns professores eu não gosto”, [...] “A escola é muito legal”, [...] “Que a escola é pra aprender e estudar para no futuro nos ajudar”. Notamos a partir dos questionários direcionados aos alunos da escola Dom Antônio, que em meio a tantas controvérsias eles acreditam na escola como uma oportunidade para o futuro.

Embora possa soar estranheza os alunos precisam se sentir respeitados, ter prazer e reconhecer a importância do exercício de seus direitos, respeitar as diversidades e ver no professor a segurança para caminhar Romão et al.; (2012, p.57) assim como o aluno deve promover uma relação de respeito com o mesmo.

Tudo foi acontecendo naturalmente no decorrer das aulas, em alguns momentos, as diferenças estavam se abrindo para uma nova mentalidade, baseada no consentimento e na compreensão adquirido nas aulas de Geografia que era baseada durante o 3º e 4º bimestre nos princípios da Escola da Ponte, Freire (2011), se não vivemos a verdade no ensino então se devem buscar mudanças importantes dentro do próprio trabalho educacional, explorar estas diferenças e agrupa-las.

O diálogo no processo da autonomia é indispensável para buscar o caminho (FREIRE, 2011, p.141), que estamos tentando para uma educação que nos represente com a inserção de novos fundamentos, quando supera as atitudes geradoras ajuda o educador. Este trabalho em si propõe instrumentos para o processo de transformação nesta unidade e escolar, ainda que em uma única série, o encontro das consciências e o real interesse de proporcionar esta transformação pelo trabalho no ensino aprendizagem da ciência geográfica, a própria educação se apresenta de forma livre.

O amadurecimento das convicções que vínhamos alimentado se mostraram nos resultados que foram sendo colhidos a cada aula, a cada oficina de responsabilidade, a cada roteiro completo, seminário, desde quando a proposta foi apresentada, os jovens estudantes, ainda que alguns são adultos em miniatura, sim, pois muitos destes já possuem graus de responsabilidades para com a família, de algumas realidades tristes.

Acreditamos que a escola pode incorporar a participação cognitiva com a solidariedade de ligação e contribuição para a sociedade, de que a escola Dom Antônio, não possui em suas salas de aula “marginais”, e sim estudantes e cidadãos que participa e divulgam também coisas boas para a sociedade civil. Como a divulgação do trabalho dos alunos, do projeto da Ponte durante a “Feira de Ciências”, mostrando um pouco do que era realizado nas aulas de Geografia, com as responsabilidades, para a comunidade escolar e a sociedade civil Assisense no jornal da cidade “Diário de Assis” de Terça-Feira, 10 de Novembro de 2015 (Figura 28) a seguir.



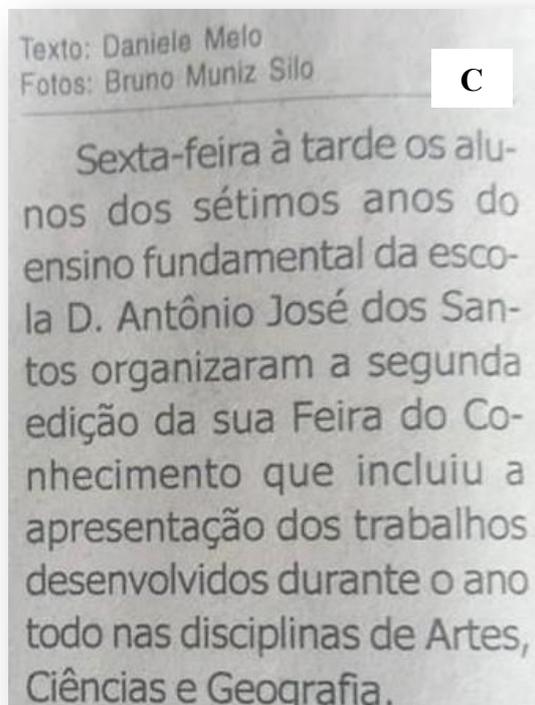


Figura 28. A – Capa do Jornal da cidade “Diário de Assis” – Edição da Feira de Ciências – Projeto 7º Ano A – Princípios da Escola da Ponte. B - Salas de Exposições e relatos gerais da edição 2015 da Feira de Ciências. C – Introdução sobre a Feira de Ciências da Escola Estadual Dom Antônio, participação da disciplina de Geografia (2015).

Fonte: MELO, Daniele. Jornal Diário de Assis – 10 de Novembro de 2015. Ano XVI – Edição 161.

Foto: Vaz (2015)

Os alunos no dia da Feira de Ciências pediram para serem “úteis” assim organizaram toda a sala de exposição (Figuras 29, 30 e 31), mostraram todo o tempo terem responsabilidades. Realizaram, oficinas como “Tinta de Terra”, sobre a importância da “Coleta Seletiva”, disponibilizando folders e realizando o jogo “Cores da Coleta Seletiva”, e a distribuições de Cursos profissionalizantes, fora da unidade escolar, da unidade do CEBRAC polo de Assis, do qual disponibilizou gratuitamente 30 bolsas de estudos para os alunos da Escola Dom Antônio e a distribuição dos marca-textos que eles confeccionaram.



Figura 29. Sala de Exposição de Geografia, Alunos do 7º A, demonstrando seus trabalhos na edição 2015 da Feira de Ciências da Escola Estadual Dom Antônio, participação na disciplina de Geografia – Grupo de Responsabilidade “Coleta Seletiva” (2015).  
Foto: Silva (2015)



Figura 30. Entrega dos marcadores-texto, e demonstração de livros de Geografia, disponíveis na Sala de Leitura da escola, na edição 2015 da Feira de Ciências da Escola Estadual Dom Antônio, participação na disciplina de Geografia – Grupo de Responsabilidade “Cursos Profissionalizantes” (2015).  
Foto: Silva (2015)



Figura 31. Alunos do 7º A, demonstrando e realizando seus trabalhos na “Oficina de Tinta de Terra” na edição 2015 da Feira de Ciências da Escola Estadual Dom Antônio, participação na disciplina de Geografia – Grupo de Responsabilidade “Conscientização” (2015).  
Foto: Silva (2015)

É próprio da consciência crítica, sob os quais, poderíamos acrescentar dentro das análises já realizadas neste trabalho, a sua integração com a realidade para Freire (2011), se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também será, tentar uma educação que leve os indivíduos a refletirem sobre sua vocação, em que a educação brasileira esta em constante transição e em muitos casos em intensas contradições apresenta-se como uma “educação alienada”, o que reflete nas escolas paulistas gerais.

Perguntávamos de inicio se seria possível fazer algo, com a didática da Ponte, em uma escola da rede estadual paulista, conforme dados levantados e apontados neste trabalho, sendo o Estado paulista de grande significância nacional, possui uma metodologia de certa forma consolidada, porém foi na escola Dom Antônio, que esta consolidação se mostrou flexível, seguiu-se seus parâmetros curriculares e que sim, que é possível fazer a diferença, e com a ciência geográfica, possibilitou desenvolver o papel da escola, que é proporcionar a autonomia pessoal, a inserção na comunidade para a emancipação social de seus estudantes, representados nos alunos do 7º A.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pode nos revelar o quanto é importante valorizar a educação brasileira, especificamente a educação centrada no Estado de São Paulo, mesmo diante de avanços e retrocessos. E também nos possibilitou entender como os princípios da Escola da Ponte, enquanto instituição de ensino se diferencia de qualquer modelo consolidado na educação já existente no mundo contemporâneo, pois valoriza todos os agentes nela envolvidos e constantemente veem recebendo olhares de grandes significações.

Seus princípios “solidariedade, autonomia, responsabilidade e democraticidade”, geram mudanças intelectuais, comportamentais, morais e éticas, de forma individual e coletiva. Foi de grande importância para processo de aprendizagem dos alunos da Escola Estadual Dom Antônio José dos Santos, durante o 3º e 4º bimestre de 2015 na disciplina de Geografia.

O que se sabia até o momento é que mudar a forma de ensinar de uma escola estadual é algo quase que impossível, estando diante das cobranças, das regras e principalmente diante do sistema político. Utilizar os princípios da Escola da Ponte durante as aulas de Geografia significou dar um passo a frente e que o sistema educacional vigente pode ser completado com mudanças e estímulos para toda a comunidade educacional estadual ao aderi-los.

As aulas de Geografia eram reproduções dos modelos tradicionais de aulas, com horários de entrada e de saída estes com duração de 50 minutos, e abordam as temáticas da disciplina nas situações de aprendizagens até as habilidades propostas no currículo.

Assim ao longo do desenvolvimento deste trabalho, os alunos mostraram-se empenhados e se identificaram com a escola que eles estavam conhecendo, demonstraram possuir responsabilidades com a mesma, preocupações com a professora, e se aproximaram do corpo administrativo da escola, a direção. Essa aproximação era durante as assembleias ou quando estavam nos espaços da escola estudando, pois podiam serem vistos por mim, sendo a professora da disciplina de Geografia nesta escola e desta turma o 7º A, conversando com a diretora, a coordenadora e os demais profissionais.

Em nenhum momento das atividades os alunos do Dom Antônio assumiram posturas passivas, e sim, mostraram suas diferenças durante o processo da implantação de alguns dos princípios da escola da Ponte, até mesmo alguns conflitos diretos, mas a

metodologia que eles estavam inseridos faz com que nas diferenças entre os indivíduos evoluam suas aprendizagens, pois ao trabalharem em grupos percebem a cooperação, a solidariedade e a democraticidade.

Eu não podia mudar a estrutura física da escola, assim como é feito na Escola da Ponte de Portugal e nas escolas de São Paulo que já seguem a metodologia da mesma, e não trabalhava de maneira interdisciplinar, pois as disciplinas tradicionais de ensino estavam lá, somente mostrei na disciplina de Geografia, o significado de uma boa prática quando trabalhada com seriedade visando o aluno como seu agente central, valorizando todos independentemente de sua realidade, tratando-os de maneira igualitária.

Os alunos do 7º A, apresentaram nas aulas de Geografia, momentos de cooperação, ajudando, ensinando, pesquisando e trocando informações, para uma aprendizagem significativa, consegui mudar minha metodologia de ensino ao inserir os princípios e dando aos alunos a oportunidade de terem uma responsabilidade com a escola, o que despertou neles a curiosidade e durante todas as aulas desde o início do trabalho. Ofereceram condutas positivas e se mostraram abertos para uma aprendizagem, ou seja, se relacionarem com o novo. Os alunos não queriam mais conteúdos prontos “cópias”, eles alcançaram a autonomia na Geografia.

O projeto da Computação Básica, possibilitou uma abertura de maior proximidade com a escola, além da sala de aula, significou muito para a vida dos seus alunos, e sem dúvida a minha vida como professora, pude construir suas visões críticas, durante seus percursos didáticos, por algum momento sentiram o significado da escola e de seus espaços como utilização de recursos didáticos, todos da comunidade escolar queriam estar ali.

A falta de interesse do Estado e quando por parte da instituição escolar, se apresenta como uma forma de violência, pois a escola deve buscar dividir a responsabilidade, com a comunidade, que deve ver um futuro bom nos alunos sendo de escolas estaduais e não como tão somente mão de obra, uma vez que limitam a capacidade de ver o mundo e fazer uma leitura deste por parte do aluno.

Embora com as críticas se bem administradas os conteúdos da apostila podem ser completados pelo professor, contudo muitas vezes limitado pelo salário e por tantas aulas semanais, sem muitas vezes dispor de horas de descanso e para realizar um bom planejamento de suas práticas, e ainda fazem cursos para promoções de cargos, ou dão aulas em colégios particulares como o caso da escola Dom Antônio, para completar a

renda familiar, também tem a falta constante de professores, o que dificulta tais estratégias de um processo de planejamento que seja coerente com os princípios de uma didática crítica, é claro que os docentes também necessitam de cuidados com a saúde, pois não recebem apoio por parte do Estado, este o principal ausente na educação atual do Estado de São Paulo.

Os ATPCs (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo) são hoje os antigos HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo) realizados às terças feiras, na escola Dom Antônio são momentos prazerosos em que a coordenadora juntamente com a professora responsável pela sala de leitura, fazem leituras complementares e reflexivas sobre o ensino público e mostram vídeos motivacionais, e recebem os professores de forma a incentiva-los em seus trabalhos com os alunos. Os professores expõem suas aflições e suas alegrias vividas dentro da sala de aula de algum conteúdo que administrou.

Os professores muitas vezes desconhecem os vieses administrativos escolares, e levam tão somente em sua maioria para as reuniões os problemas e dificuldades que presenciam no ambiente escolar (sala de aula), sobre o 7º Ano A, pouco se houve falar deles, alguns fatos isolados, pois dentro da própria sala são resolvidos, se um aluno apresenta indisciplina, é ignorado pelos colegas por um tempo, para minimizar estas práticas de isolamento eu fiz uma intervenção concreta sobre solidariedade e respeito levando vídeos sobre as diferenças.

Ao final revelei aos alunos que eles faziam nas aulas de Geografia, outras escolas e seus alunos também estavam desenvolvendo atividades similares, buscando o mesmo objetivo, mas estavam avançados assim como toda a comunidade escolar das outras escolares estavam envolvidos, comentei com eles sobre o meu objetivo de formação acadêmica e eles me pediram para voltar.

Como resgatar a qualidade e a autoestima da escola? Como estancar a inflamação dos diplomas sem cair no elitismo educacional? Sem produzir uma escola que exclua o mundo do trabalho? Que administre as críticas?. Um primeiro passo é investir incentivando o valor de seus alunos, não tão somente fazer das aulas uma prática aplicável, mas oferecer todos os espaços físicos da escola e oferecer mecanismos de independência e principalmente limites para os seus alunos.

Oferecer um conhecimento que os alunos não encontram no mundo lá fora, mesmo se eles apresentarem resistência ao novo, fazer dos professores companheiros, promovendo diálogos e atividades interdisciplinares nas disciplinas. Dominar os

conteúdos que ministra, para as eventuais dúvidas que vierem surgir nas aulas por parte dos alunos, trazer complementos didáticos atrativos as aulas correspondentes.

Lembrando que os alunos são eternas “crianças”, necessitam de condução de suas ambiguidades, muitos deles se espelham em seus professores, o professor não precisa se sentir acuado, e muito menos superior aos seus alunos, e a escola deve entender a realidade seus alunos e compartilhar de algumas responsabilidades, podendo até ser o grêmio estudantil, pois assim se todas as ações na escola são autônomas, cabe aos alunos responder da mesma forma sobre seus atos.

Observamos que muitas vezes é mais difícil, construir consensos entre o corpo docente e administrativo se estendo para os familiares dos alunos, do que nos próprios alunos, estes são reflexos de suas famílias, muitos dos alunos do Dom Antônio são filhos de ex-alunos, ou algum familiar estudou na escola, como algum familiar dos alunos do 7º A. As aspirações do meio pelos alunos faz com que todos eles sintam uma grande adesão “ascendente” pela escola, compreendendo muitas vezes as relações institucionais, interpessoais e profissionais nela presente.

O trabalho foi de consolidação, voltou-se para as necessidades dos alunos do 7º A, e foi significativa ouvi-los ao diversificar as minhas aulas de Geografia, simultaneamente foram influenciados com responsabilidade, aprenderam a confiarem em suas capacidades e buscarem soluções para a superação dos “problemas” e das diferenças que eles criaram ao estudarem fora do ambiente da sala de aula.

A educação não pode fazer sozinha, assim como o aprendizado nas disciplinas como o da Geografia em si já é uma disciplina interdisciplinar, contou com os alunos do 7º A e com os princípios da Escola da Ponte, sem esquecer os conteúdos de aprendizagens do currículo estadual do Estado de São Paulo.

A Geografia acaba fazendo uma relação de igualdade Romão et al.; (2012) para me conhecer eu necessito conhecer o outro, isto significa conviver com o outro, nas diferenças encontrar as similaridades, fazer importantes reflexões sobre o caráter social do espaço (escola) e fez uma releitura dos princípios da Escolas da Ponte, em uma série de atividades didáticas para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, nem é preciso que se selecione e se organize conteúdos que sejam significativos e socialmente relevantes, os alunos pelo que eu percebi, selecionam os conteúdos que desejam estudar, dentro de seus processos cognitivos.

Construindo e contextualizando esses conhecimentos, eles vão se tornando valiosos e desafiadores aos alunos, cada vez que uma etapa era concluída, levou-os a

perceberem que as transformações veem com o tempo, e necessita de praticas, marcando o espaço escolar, nas mais variadas escalas geográficas ao se revelarem na comunidade escolar, os alunos do 7º A da escola Dom Antônio consolidaram novos olhares, sobretudo em suas perspectivas de vida, eles agora sonham e buscam novas oportunidades. Percebi um amadurecimento e desejos de estarem na escola, de cuidar da escola com o início do trabalho, os princípios da Escola da Ponte marcou sem dúvida os alunos do 7º Ano da Escola Estadual Dom Antônio do ano letivo de 2015.

A disciplina de Geografia foi a “Ponte” entre os alunos e a escola Dom Antônio, proporcionou uma aproximação entre eles, eu como professora assumi um papel de coadjuvante neste processo e não me esqueci que os alunos das instituições estaduais passam por avaliações e diversos testes, assim como possuem uma vida paralela a mesma, principalmente pela idade, pelo processo de amadurecimento e o processo cognitivo individual, desta forma a figura do professor é fundamental, para auxiliar nas trocas de experiências que estão ocorrendo, e que estavam acontecendo naquela sala, pois o mundo de hoje é distinto do mundo de ontem.

Os alunos do 7º A foram os protagonistas de todas as atividades, estas não eram atividades extras oferecidas na disciplina de Geografia, era a própria aula acontecendo. De algumas atividades improvisadas de ideias que surgiam durante as aulas de Geografia, e eram prontamente colocadas em prática, descobriram que poderiam criar, inovar e principalmente aprender.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **A ESCOLA DA PONTE**. Campinas, SP: Jornal Correio Popular, de (respectivamente em 14/5, 21/5, 28/5, 4/6, 11/6 e 18/6 do ano 2000), estão hoje publicadas no livro *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir* (Papyrus Editora, Campinas, SP, 2001 e Edições Asa, Porto, 2001). Disponível em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/dados/edcampo\\_texto\\_rubem\\_alves\\_a\\_escola\\_com\\_qu\\_e\\_---\\_existir.pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/edcampo_texto_rubem_alves_a_escola_com_qu_e_---_existir.pdf)> Acesso em: 12 ago. 2015.

ALVES, R. **CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE ENSINAR**. São Paulo- SP: Editora Cortez. Editora Atores Associados. 1980. 2-9p. Disponível em: <<https://sandramaggio.files.wordpress.com/2011/03/conversas-com-quem-gosta-de-ensinar-rubem-alves.pdf>> Acesso em: 12 ago. 2015.

ALVES, R. **AS MELHORES CRÔNICAS DE RUBEN ALVES**. Campinas, SP: Papyrus. 2008. 244p.

ARANHA, M. L. de. **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996.  
ASSUNÇÃO, Sone Cristina Ribeiro. **SÉRIE HISTÓRICA**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo Secretaria de Estado da Educação Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional. Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional – CIMA. 2014. 3-88p. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/671.pdf>> Acesso em: 22fev. 2016.

BARRETO, V. **PAULO FREIRE PARA EDUCADORES**. São Paulo: Editora Arte e Ciência. 6º Ed. 2004. 138p.

BEZERRA, Allan Fernandes. **AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE PARNAMIRIM – RN**. Porto Alegre: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Disponível em: Agosto 2009. <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(18\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(18).pdf)> Acesso em: 02 Ago.2015.

BLAU, Peter, M.; SCOTT, W. Richard. **ORGANIZACOES FORMAIS: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA**. São Paulo: Atlas, 1979. 293p. 3.

BONAVIDES, P.; ANDRADE, P. de. **HISTÓRIA CONSTITUCIONAL DO BRASIL**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BUFFA, E. **SORTEIO DE VAGAS NA ESCOLA, MAIS UM TENTO DO POPULISMO PEDAGÓGICO**. In: Jornal 1º Página. São Carlos, 14 de jan. de 1996.

BRANDÃO, C. R. **O QUE É EDUCAÇÃO**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. LDB. Lei 9394/96 – **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO**. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12907:legislacoes>> . Acesso em: 28/03/2016.

BRASIL. Ministério da Educação. PNE. Lei 13.005/2014. **PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12907:legislacoes>. Acesso em: 28/03/2016.

CAMARGO, Poliana da Silva Almeida Santos.; SILVA, Alex Rodrigues da. **TEORIA E PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA**. Cadernos Cenpec. São Paulo: v.4; n.2; dez. 2014. p.74-93. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/download/289/296>. Acesso em: 12 fev. 2016.

CAMPOS, Maria Alcicleide Ferreira.; OLIVEIRA, Erilmar Dias. **ANÁLISE DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE PORTALEGRE – RN**. GEOTemas, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v 1, n. 2, p. 101-117, jul./dez., 2011.1-17p. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/article/viewFile/144/129> Acesso em: 12 fev. 2016.

CASTELLAR, S. **DIDÁTICA DA GEOGRAFIA (ESCOLAR) POSSIBILIDADES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL**. Tese de Livre-Docência. Universidade de São Paulo, FEUSP, São Paulo, 2010.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **ENSINO DE GEOGRAFIA**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CASTROGIOVANNI, A.C. **ENSINO DA GEOGRAFIA: CAMINHOS E ENCANTOS**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2007. 111p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=8574306789>. Acesso em: 22 ago. 2015.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **GEOGRAFIA E PRÁTICAS DE ENSINO: GEOGRAFIA ESCOLAR E PROCEDIMENTOS DE ENSINO NUMA PERSPECTIVA SÓCIO CONSTRUTIVISTA**. Goiânia, Alternativa. 71-100p. 2002.

CGBE, Coordenadoria de Gestão da Educação Básica. **ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO ESTADO DE SÃO PAULO – ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: CIÊNCIAS DA NATUREZA E CIÊNCIAS HUMANAS: GEOGRAFIA E HISTÓRIA**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo: Secretaria da Educação. 2013. 208p. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/CURRICULOS/Sao\\_Paulo\\_Curriculo\\_Oficial\\_2012\\_Ciencias\\_da\\_Natureza\\_Geografia\\_e\\_Historia\\_dos\\_Anos\\_Iniciais\\_Versao\\_Preliminar.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/CURRICULOS/Sao_Paulo_Curriculo_Oficial_2012_Ciencias_da_Natureza_Geografia_e_Historia_dos_Anos_Iniciais_Versao_Preliminar.pdf) Acesso em: 25 Jan. 2016.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA**. Rio de Janeiro: DP&A. 20-30p. 2000

DIMENSTEIN, Gilberto.; ALVES, R. **FOMOS MAUS ALUNOS**. Campinas SP: Editora: Papyrus, 2003. 128p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=853080709X>. Acesso em: 12 ago. 2015.

DUARTE, Newton. **SOCIEDADE DO CONHECIMENTO OU SOCIEDADE DAS ILUSÕES? POLÊMICAS DO NOSSO TEMPO**. Campinas, SP: I ed.106p. 2008. Escolas Públicas Estaduais. **DOM ANTONIO JOSÉ DOS SANTOS**. Censo-2014. Disponível em: <<http://www.escol.as/192228-antonio-jose-dos-santos-dom>> Acesso em: 02 janeiro de 2016.

ESCOLAR, Marcelo. **CRÍTICA DO DISCURSO GEOGRÁFICO**. São Paulo: Editora Hucitec.175p.1996.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. **A GEOGRAFIA DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO: SOMBRAS DO DESCONHECIMENTO EM ENSINO DE GEOGRAFIA: NOVOS OLHARES E PRÁTICAS**. Dourados, MS:UFGD. 200p. 2011.

FERRAZ, Flávia. **DE PORTUGAL, A EDUCAÇÃO PRODUTIVA E SEM BARREIRAS**. Urbelândia – MG. Corrêio de Urbelândia. Setembro: 2011. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/de-portugal-a-educacao-produtiva-e-sem-barreira>> Acesso em: 05 jan. 2016.

FILHO, Olavo Nogueira Batista. **CENSO ESCOLAR ESTADO DE SÃO PAULO INFORME 2014**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo Secretaria de Estado da Educação Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional. Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional – CIMA. 2014. 1-110p. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/967.pdf>> Acesso em: 22fev. 2016.

FONSECA, R.A. **USO DO GOOGLE MAPAS COMO RECURSO DIDÁTICO PARA MAPEAMENTO DO ESPAÇO LOCAL POR CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA CIDADE DE OURO FINO-MG**. Rio Claro: UNESP. Instituto de Geociências e Ciências Exatas Campus Rio Claro. 8-21p. 2010.

FONSECA, Marília. **O BANCO MUNDIAL E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA EXPERIÊNCIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL**. Em Vários Autores, em **EDUCAÇÃO E ESTADO: AS MUDANÇAS NOS SISTEMAS DE ENSINO DO BRASIL E PARANÁ MA DÉCADA DE 90**. Londrina: Ed. UEL, XVI. 85-121p. 2001

FRANÇA, M. D. PERES, M.R.**OS PRESSUPOSTOS DA ESCOLA DA PONTE SEGUNDO A REALIDADE DA ESCOLA BRASILEIRA**. IN: Revista Educativa. Faculdade Network – Faculdade de Pedagogia – Ano 7; nº 1. 2001. 211f – 14 – 26p. Disponível em: <<http://www.nwk.edu.br/intro/wp-content/uploads/2014/05/PEDAGOGIA-2013-Revista-Educativa.pdf>> Acesso em: 13 mar. 2016.

FREIRE, P. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA. “SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA”**. São Paulo: Edição de bolso, Brasil: Paz e Terra.165p. 1997.

FREIRE, P. **PROFESSORA SIM, TIA NÃO CARTAS A QUEM OUSA ENSINAR**. OLHO d’água. 2-84p. 1997.

FREIRE, Paulo, 1921 - 1997. **EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE**. Rio Janeiro: Paz e Terra. 14. Ed. Rev. Atual. 189p. 2011. FREIRE, Paulo, 1921 - 1997. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. Rio Janeiro: Paz e Terra. 50. Ed. Rev. Atual. 253p. 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **EDUCAÇÃO E CRISE DO TRABALHO: PERSPECTIVAS DE FINAL DE SÉCULO**. Petrópolis, RJ: Vozes, 166-188p. 1998. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRAS DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA – TRIMESTRAL. 2015**. Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad\\_continua/](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/)> Acesso em: 12 janeiro de 2016.

KAERCHER, Nestor André. **DESAFIOS E UTOPIAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**. 3ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

KEARCHER, Nestor Andre. **A GEOGRAFIA ESCOLAR NA PRÁTICA DOCENTE: A UTOPIA E OS OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS DA GEOGRAFIA CRÍTICA**. Dourados: in: 8 - Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 2005.

KAERCHER, Nestor André. **O GATO COMEU A GEOGRAFIA CRÍTICA? ALGUNS OBSTÁCULOS A SUPERAR NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA**. In: PONTUSCHKA, Nídia N.; OLIVEIRA, Arioaldo U. (orgs.). *Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 221-231.

LIBÂNIO, J.C. **PEDAGOGIA E PEDAGOGOS INQUETAÇÕES E BUSCAS**. Curitiba - PR: Educar, n. 17, Editora da UFPR. 2001.1-24p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

MELO, Adriany de Ávila et al. Universidade Federal de Uberlândia. **HISTÓRIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR BRASILEIRA: CONTINUANDO A DISCUSSÃO**. Vitória, ES: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. AGB e Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos. Agosto, 2004.

MÉSZÁRIOS, István. **A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL**. Trad. TAVARES, Isa. São Paulo: Boitempo, 2005. 47-77p.

MOREIRA, Ruy. **O QUE É GEOGRAFIA**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. 94p.

NETO, Francisco Otávio Ladim.; BARBOSA, Maria Edivani Silva. **O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO DO DOCENTE E SUA ATUAÇÃO NA GEOGRAFIA ESCOLAR**. Fortaleza: Edições; Artigos Científicos. UFC: v.1, n.2, Dezembro. 2010. 1-20p. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/44/pdf10>> Acesso em: 12 mar. 2016.

NOGUEIRA, Braz Rodrigues.; MAZON, Renato UDLIS. **IMPLEMENTAÇÃO DE UMA METODOLOGIA DE ENSINO COM BASE NOS PRINCÍPIOS DA ESCOLA DA PONTE**. São Paulo: 2005. 75p.

NUNES, Flaviana Gasparotti. **ENSINO DE GEOGRAFIA: NOVOS OLHARES E PRÁTICAS**. Dourados, MS:UFGD, 2011.200p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **SITUAÇÃO E TENDÊNCIAS DA GEOGRAFIA**. In: \_\_\_\_\_ (Org.). Para onde vai o ensino de geografia? 7. ed. São Paulo: Contexto, 2001. 24-29p.

OLIVEIRA, César A.C. de. **CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA CRÍTICA E SEU ENSINO**. Rio Claro: In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. I. Anais.UNESP. 1999.200-206p.

OLIVEIRA, Marina Rodrigues de. **AUTONOMIA E CRIATIVIDADE EM ESCOLAS DEMOCRÁTICAS: OUTRAS PALAVRAS, OUTROS OLHARES**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. 188f. Disponível em: <[http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes/Marina\\_dissertacao.pdf](http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes/Marina_dissertacao.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2016.

OLIVEIRA, M.K.; REGO, T.C. et al. **PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E AS TEMÁTICAS DA VIDA CONTEMPORÂNEA**. São Paulo: Moderna, 2008. 287p.

PACHECO, J.; PACHECO, M.F. **A ESCOLA DA PONTE SOB MÚLTIPLOS OLHARES: PALAVRAS DE EDUCADORES, ALUNOS E PAIS**. Porto Alegre: 2013. 152p.

PACHECO, José. **PARA OS FILHOS DOS FILHOS DOS NOSSOS FILHOS**. Campinas, SP: Papirus, 2006. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8530807987>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

PACHECO, José – **“ESCOLA DOS SONHOS EXISTE HÁ 25 ANOS EM PORTUGAL”**. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0043b.asp>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

PAIER, Simone de Castro. **DA QUEBRA DAS PAREDES À CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ESCOLA**. USP (Universidade de São Paulo); São Paulo: 2009. 176p. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../SIMONE\\_DE\\_CASTRO\\_PAIER.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../SIMONE_DE_CASTRO_PAIER.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2016.

PARO, Vitor Henrique. **POR DENTRO DA ESCOLA PÚBLICA**. São Paulo: Xamã, 3ªed. 1995. 335p.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib.; PAGANELLI, Tomoko Iyda.; CACETE, Núria Hanglei. **PARA ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA**. São Paulo: Cortez, 2007.

PORTUGAL. Ministério da Educação. **PROJETO EDUCATIVO DA ESCOLA DA PONTE**. 2002. 6p. Disponível em: <<http://www.escoladaponte.pt/site/ficheiros/doc/orienta/PE.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

PORTUGAL. Ministério da Educação. **PROJETO EDUCATIVO DA ESCOLA DA PONTE.** 2003. 6p. Disponível em: <<http://tandis.odihr.pl/documents/hrecompendium/en/CD%20SEC%202%20ENV/Make%20the%20bridge/Make%20the%20Bridge%20Portugal%20Attach%201%20PORT.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

PORTUGAL. Ministério da Educação. **PROJETO FAZER A PONTE.** 2003. 6p. Disponível em: <[http://www.iq.usp.br/palporto/PPP\\_Fazer%20a%20Ponte.pdf](http://www.iq.usp.br/palporto/PPP_Fazer%20a%20Ponte.pdf)>. Acesso em: 22 fev. 2016.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **A GEOGRAFIA ESCOLAR BRASILEIRA NOS FINS DO SÉCULO XIX.: REVISITANDO OS PARECERES DE RUY BARBOSA, 1882.** IN: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. I. Anais... Rio Claro: UNESP. 1999. p. 220-231.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **UMA BREVE HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) DE GEOGRAFIA NO BRASIL.** Terra Livre, São Paulo, n. 15, 2000. 129-144p.

ROMÃO, José E. GADOTTI. Moacir (Org.). **AUTONOMIA DA ESCOLA: PRICÍPIOS E PROPOSTAS.** 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.199p.

ROMÃO, José E. MOTTA, Custódio G. L. da. CAMARGO, Misael G. S. et al. **CARTA ESCOLAR: INSTRUMENTO DE PLANEJAMENTO COLETIVO. AUTONOMIA DA ESCOLA. PRICÍPIOS E PROPOSTAS.** 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.199p.

ROMÃO, José E.; CISESKI. Ângela Antunes. **CONSELHOS DE ESCOLA: COLETIVOS INSTITUINTES DA ESCOLA CIDADÃ.** IN **AUTONOMIA DA ESCOLA. PRICÍPIOS E PROPOSTAS.** 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.199p.

ROSA, Cláudia Santa. **RELATO DA PONTE: A CIDADANIA NA PRÁTICA.** Revista Criança do Professor de Educação Infantil. Práticas para a igualdade racial na escola. Brasília – DF: Ministério da Educação - Coordenação Geral de Educação Infantil – DPEIEF/SEB. Dezembro: 2006, 44f – 29-30p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/revista42.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2016.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **LEGISLAÇÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO. ESTADUAL. UNIFICAÇÃO DE DISPOSITIVOS LEGAIS E NORMATIVOS RELATIVOS AO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO.** Coordenação de Leslie Maria José da Silva Rama SE/SEDE São Paulo, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 2010 1. Educação – Legislação 2. Ensino Fundamental e Médio – I Título 3ª edição. 2010.1- 466p. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/lise/legislacaocnp/PAULISTINHA%202011-%203%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20-%202013.pdf>> Acesso em: 12 fev. 2016.

SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO: CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS.**

Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. 152 p.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo: Ensino Fundamental. **CURSOS DE IDIOMAS, ENSINO INTEGRAL E SALA DE LEITURA ESTÃO ENTRE AÇÕES VOLTADAS PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.** Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/ensino-fundamental>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo: Ensino Médio. **ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO TÊM ACESSO A CURSOS PREPARATÓRIOS PARA O VESTIBULAR E MERCADO DE TRABALHO.** Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/ensino-medio>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo: Currículo. **CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO CONSTITUI ORIENTAÇÃO BÁSICA PARA O TRABALHO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA.** Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/curriculo>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo: Censo Escolar. **PESQUISA QUE APONTA O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA ENVOLVE MAIS DE QUATRO MILHÕES DA REDE ESTADUAL PAULISTA.** Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/censo-escolar>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **LEGISLAÇÃO.** Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/lise/legislacaocenp/default.asp>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **CADERNO DO PROFESSOR.** Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/portal/caderno-professor>> Acesso em: 22 fev. 2016.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **CADERNO DO ALUNO.** Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/caderno-aluno>> Acesso em: 22 fev. 2016.

SAVIANI, Dermeval. **EDUCAÇÃO: DO SENSO COMUM A CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA.** 11. ed. Campinas: Editora Autores Associados, (Educação contemporânea).1996.

SAYÃO, Rosely e AQUINO, Julio G. **EM DEFESA DA ESCOLA.** Campinas, SP: Papyrus, 2004. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8530807391>>. Acesso em: 25 jan. 2016

SILVA, Alex Rodrigues da. CAMARGO, Poliana da Silva Almeida Santos. **TEORIA E PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA.** São Paulo: v.4. n.2. Cadernos Cenpee. Dez.2014.74-93p.

SILVA, C.S.B.; MACHADO, L.M. (org). **Nova LDB: TRAJETÓRIA PARA A CIDADANIA?.** São Paulo: Arte & Ciência, 1998. 23-32p.

SHIROMA, E.O.; MORAES, M.C.M; EVANGELISTA, O. **OS ARAUTOS DA REFORMA E A CONSOLIDAÇÃO DO CONSENSO: ANOS DE 1990**.IN **POLÍTICA EDUCACIONAL**. 3º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.53-86.

SPOSITO, E.S. **O CONTEXTO MUNDIAL CONTEMPORÂNEO: PERSISTÊNCIA DAS DESIGUALDADES OU NOVO IMPERIALISMO**.SILVA, José Borzacchiello da, Org.; LIMA, Luiz Cruz, Org.; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia, Org. IN.**PANORAMA DA GEOGRAFIA BRASILEIRA II**. São Paulo: Annablume, 2006. 306p.

SPOSITO, E. S. **GEOGRAFIA E FILOSOFIA: CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 220p.

TORRES, C.A. **DIÁLOGO COM PAULO FREIRE**. São Paulo: 3ª ed Layola, Maio: 2003. 5-86p.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **REFLEXÕES SOBRE A ESCOLA DA PONTE**. Brasília: Revista de Educação AEC n. 141 out./dez.2006. 11p. Disponível em: <[www.celsovasconcellos.com.br](http://www.celsovasconcellos.com.br)>. Acesso em: 12 mar. 2015.

VLACH, Vânia R. F. **A PROPÓSITO DO ENSINO DE GEOGRAFIA EM QUESTÃO O NACIONALISMO PATRIÓTICO**. São Paulo: USP. 1988.206p. (Dissertação Mestrado).

WOOD, David. **COMO AS CRIANÇAS PENSAM E APRENDEM: OS CONTEXTOS SOCIAIS DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO**. Trad.Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Ed, Layola. 2003. 293p.

**7. ANEXO****CADERNO DE  
ROTEIROS DE PESQUISA****7º ANO**

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

GRUPO: \_\_\_\_\_ TUTOR \_\_\_\_\_

**ASSIS/SP  
2015**

## HORÁRIO

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
<ul style="list-style-type: none"> <li>Sala de Informática;</li> <li>Sala de vídeo;</li> <li>Sala de aula.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentação dos grupos de responsabilidades nos 6º anos (quando tiver apresentação somente).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sala de leitura;</li> <li>Sala de aula.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Trabalho dos grupos de responsabilidades;</li> <li>Aula de tutoria: Correção dos trabalhos e lições dos grupos;</li> <li>Esclarecimentos das dúvidas; <b>O GRUPO QUE NÃO TIVER ATIVIDADE DE RESPONSABILIDADE, CONTINUAR O ROTEIRO.</b></li> <li>Sala de aula.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sala de aula.</li> <li>Sala de Vídeo</li> </ul>

## GRUPOS

GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C	GRUPO D	GRUPO E
Lidiane Camila José Laysa	Bruno Marcos Alexandre João Vitor Samuel	Vitor Pedro Vitor Stevan Marcos Rocha	Thainá Ana Vitória Maria Eduarda Juliana	Jhenifer Giovana João Pedro Marcos Teixeira
<p><b>RESPONSABILIDADES DE CADA GRUPO</b></p> <p>“É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que num dado momento a tua fala seja a tua prática”.</p> <p style="text-align: right;">Paulo Freire*</p>				
GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C	GRUPO D	GRUPO E
Conscientização	Sala de Leitura	Coleta Seletiva	Educação	Plantio

**Paulo Freire\*** Foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro, com atuação e reconhecimento internacional, conhecido principalmente por seus estudos sobre a alfabetização de adultos.

ROTEIRO DE PESQUISA: SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1: AS GRANDES PAISAGENS NATURAIS BRASILEIRAS

**Objetivo Geral:** Comparar diferentes formas de representar as paisagens naturais; identificar as principais características dessas paisagens.

Início do roteiro: / / Término do roteiro: / /

OBJETIVOS	ATIVIDADES	FONTES DE PESQUISA	AVALIAÇÃO DO EDUCADOR
<p><b>1. Descobrir a diversidade paisagística que existe no Brasil.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Procurar no dicionário o significado das palavras, <b>“bioma”, “floresta, ecossistema”,</b> e escrevê-las em seu caderno;</li> <li>• Ler o texto “Paisagens naturais e expressões culturais regionais” em <b>Anexo I</b>, no roteiro;</li> <li>• Fazer a atividade “Leitura e análise de mapa”, da apostila, p. 5 e “Leitura e análise de imagem”, da apostila, p. 6,7 e 8.</li> </ul>	<p>Dicionário</p> <p>Texto de apoio (anexo)</p> <p>Livros sala de aula e sala de leitura</p>	
<p><b>2. Identificar qual ecossistema que ocupa a maior extensão no território brasileiro e no Estado de São Paulo.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Procurar nos sites recomendados em <b>Anexo II</b>, os “Ecossistemas do Brasil”, para realizar as atividades da p. 9, 10 e 11 da apostila.</li> </ul>	<p>Sala de informática</p>	
<p><b>3. Identificar as modificações antrópicas nos ecossistemas brasileiro.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Procurar no dicionário o significado da palavra, <b>“antrópica”,</b> e escrevê-la em seu caderno;</li> <li>• Ler o texto em <b>Anexo III</b>, no roteiro “A carta da terra”;</li> <li>• Fazer a atividade “Leitura e análise de mapa”, da apostila, p. 11, 12,14 e 15 e “Leitura e análise de imagem”, da apostila,</li> </ul>	<p>Dicionário</p> <p>Texto de apoio (anexo)</p> <p>Livros sala de aula e sala de leitura</p>	

	p.16,17.		
--	----------	--	--

### PESQUISA DE FINALIZAÇÃO DE ROTEIRO

Faça em uma folha de sulfite a pesquisa sugerida na página 13 da apostila, sobre o “mapa dos biomas brasileiros”, identificados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Para melhor entendimento do bioma escolhido **RECORTE O MAPA EM ANEXO IV NO ROTEIRO** e cole no trabalho.

#### ROTEIRO DE PESQUISA: SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2: AS FLORESTAS BRASILEIRAS

**Objetivo Geral:** Reconhecer os vetores de degradação do patrimônio ambiental brasileiro, em especial dos ecossistemas florestados

Início do roteiro:        /        /        Término do roteiro:        /        /

OBJETIVOS	ATIVIDADES	FONTES DE PESQUISA	AValiação DO EDUCADOR
1. Entender a diferença entre as possíveis causas e consequências das florestas brasileiras por imagens.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fazer a atividade “Leitura e análise de imagem”, da apostila, p. 19, 20,21 e 22.</li> </ul>	Livros sala de aula e sala de leitura	
2. Comparar pela leitura a realidade da floresta Amazônia no Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ler o texto “A maior floresta do mundo - Beleza e destruição cobrem metade do Brasil” do autor Herton Escobar, na apostila p. 23;</li> <li>Grifar as palavras desconhecidas e procurar seu significado no dicionário, e escreva em seu caderno;</li> <li>Realizar as atividades sobre o texto da p. 24 da apostila.</li> </ul>	<p>Sala de aula</p> <p>Dicionário</p>	

<p><b>3. Identificar as modificações antrópicas nos ecossistemas brasileiro.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Assista ao vídeo na sala de informática “Amazônia Desconhecida” - Documentário da Discovery;</li> <li>Assista ao vídeo na sala de informática “Biomas do Brasil”- Documentário da USP;</li> <li>Observe e analise o mapa da p. 27 e responda as questões da p. 28 da apostila.</li> </ul>	<p>Sala de informática</p> <p>Livros sala de aula e sala de leitura</p>	
--	--	---	--

### PESQUISA DE FINALIZAÇÃO DE ROTEIRO

“Faça “em uma folha de sulfite a pesquisa sugerida na página 25 da apostila, sobre a” Amazônia: cenários de destruição”, identificado pela UFMG/ CSR. E em seguida faça uma pesquisa com a ajuda da internet sobre a “Mata Atlântica” proposto pela p. 26 da apostila, refaça novamente esta página, **QUE ESTÁ EM ANEXO V DISPONÍVEL NESTE ROTEIRO, COM MAPA SOBRE ESTE BIOMA EM ANEXO VI.**

### ROTEIRO DE PESQUISA: SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3: OS CERRADOS DO BRASIL CENTRAL

**Objetivo Geral:** Reconhecer os vetores de degradação do patrimônio ambiental brasileiro, em especial dos cerrados; comparar propostas de solução para os problemas de natureza socioambiental.

Início do roteiro:        /        /        Término do roteiro:        /        /

OBJETIVOS	ATIVIDADES	FONTES DE PESQUISA	AVALIAÇÃO DO EDUCADOR
<p><b>1. Considerar a localização do Cerrado do território brasileiro.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fazer a atividade “Leitura e análise de mapa”, da apostila, p. 29, baseando-se no mapa da página 13;</li> <li>Utilize um Atlas para melhor identificação dos estados nas regiões do Brasil.</li> </ul>	<p>Livros sala de aula e sala de leitura</p> <p>Atlas Geográfico</p>	
<p><b>2. Comparar pela leitura a realidade do Cerrado no território brasileiro e suas ações antrópicas.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Realize a leitura do texto p. 31 da apostila “Carta dos Povos do Cerrado” do II Encontro Nacional dos Povos das Florestas de 23 de setembro de 2007;</li> </ul>	<p>Sala de aula</p>	

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realize as atividades propostas “Leitura e análise de imagem” na p. 29 até 30 e o “Desafio” da p. 30;</li> <li>• Utilizando um dicionário realize a atividade da p. 32, pesquisando o significado dos termos e expressões destacadas no texto.</li> </ul>	Dicionário	
<p><b>3. Contar e organizar debates sobre o bioma Cerrado em sua relação socioambiental.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realize uma leitura de reflexão da Charge sobre o Cerrado em <b>Anexo VII</b>;</li> <li>• Realize a leitura dos textos da página 33 da apostila e responda as seguintes informações abaixo em seu caderno: <ul style="list-style-type: none"> <li>• TÍTULO:</li> <li>• AUTOR:</li> <li>• ASSUNTO:</li> <li>• FONTE:</li> </ul> </li> <li>• Responda as perguntas da p. 33 até 34.</li> </ul>	<p>Texto de apoio (anexo)</p> <p>Livros sala de aula e sala de leitura</p>	
<p><b>PESQUISA DE FINALIZAÇÃO DE ROTEIRO</b></p>			
<p>Faça um cartaz sobre o bioma de sua cidade, realize a pesquisa em sites, <b>ANEXO II, SITES PARA CONSULTA</b>, até mesmo em livros didáticos.</p>			

## ANEXO II

### SITES PARA CONSULTA DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1: AS GRANDES PAISAGENS NATURAIS BRASILEIRAS

- [www.ambientebrasil.com.br](http://www.ambientebrasil.com.br)
- [www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)
- [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)
- <http://www.ibflorestas.org.br/>
- [www.ambiente.sp.gov.br](http://www.ambiente.sp.gov.br)
- [www.sobiologia.com.br/conteudos/bio\\_ecologia/ecologia13.php](http://www.sobiologia.com.br/conteudos/bio_ecologia/ecologia13.php)
- [www.mundoeducacao.com/geografia/biomas-brasileiros.htm](http://www.mundoeducacao.com/geografia/biomas-brasileiros.htm)
- [www.biomasdobrasil.com/](http://www.biomasdobrasil.com/)
- [www.mma.gov.br/biomas](http://www.mma.gov.br/biomas)
- [www.mundoedu.com.br/videoaula/122/pdf](http://www.mundoedu.com.br/videoaula/122/pdf)
- [https://www.embrapa.br/gite/publicacoes/NT1\\_CERRADOS\\_2013.pdf](https://www.embrapa.br/gite/publicacoes/NT1_CERRADOS_2013.pdf)
- [http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod\\_Noticia=3299](http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=3299)

**ATENÇÃO!** ALUNOS PODEM PESQUISAR OUTROS SITES E IMAGENS QUE DESCREVA OS BIOMAS E FLORESTAS. PORÉM NÃO SE ESQUEÇAM DE ANOTAR O SITE (FONTE) QUE PESQUISARAM EM SEU CADERNO.

## **ANEXO III**

### **TEXTO PARA CONSULTA DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1: AS GRANDES PAISAGENS NATURAIS BRASILEIRAS**

#### **A Carta da Terra**

A Carta da Terra é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Ela é estruturada em quatro grandes tópicos:

1. Respeito e cuidado pela comunidade da vida
2. Integridade Ecológica
3. Justiça Social e Econômica
4. Democracia, não-violência e paz.

A Carta busca inspirar as pessoas e diferentes setores da sociedade para um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança, mas também um chamado à ação.

Sobre a sua história, em 1987 a Comissão das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, através do documento “Nosso Futuro Comum”, recomendou a redação de uma nova carta sobre o desenvolvimento sustentável com o objetivo de ajudar a construir no século 21 uma sociedade global justa, sustentável e pacífica.

Em 1992, em um evento paralelo da Cúpula da Terra - Eco-92 - realizada no Rio de Janeiro, foi elaborada a primeira versão da carta. Após oito anos em um processo participativo em todos os continentes, que contou com a contribuição de milhares de pessoas de todas as raças, credos, idades e profissões, incluindo especialistas em ciências, filosofia, ética, religiões e leis internacionais, a versão final foi lançada no Palácio da Paz em Haia em 29/06/2000 quando também foi assumida pela Unesco.

Fonte: <http://www.ecodesenvolvimento.org/espaco-carta-da-terra/o-que-e-a-carta-da-terra?tag=responsabilidade-social> Responsabilidade Social / 22 de Abril de 2009.

Acesso em: 22/08/2015

**ATENÇÃO!** ALUNOS ACESSAR O VÍDEO DA “CARTA DA TERRA”  
DISPONÍVEL NO YOUTUBE.

#### **ANEXO IV**

MAPA PARA FINALIZAÇÃO DO ROTEIRO DA SITUAÇÃO DE  
APRENDIZAGEM 1: AS GRANDES PAISAGENS NATURAIS BRASILEIRAS



FONTE: [auesoftware.com](http://auesoftware.com)

PÁGINA 26 PARA FINALIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2: AS FLORESTAS BRASILEIRAS

Geografia – 6ª série/7º ano – Volume 2



PESQUISA INDIVIDUAL

Sintetize seus conhecimentos sobre a Mata Atlântica preenchendo o quadro a seguir.

Bioma: **Mata Atlântica**

Localização original: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Extensão original: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Extensão atual: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

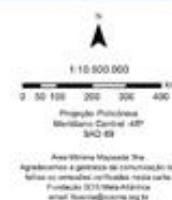
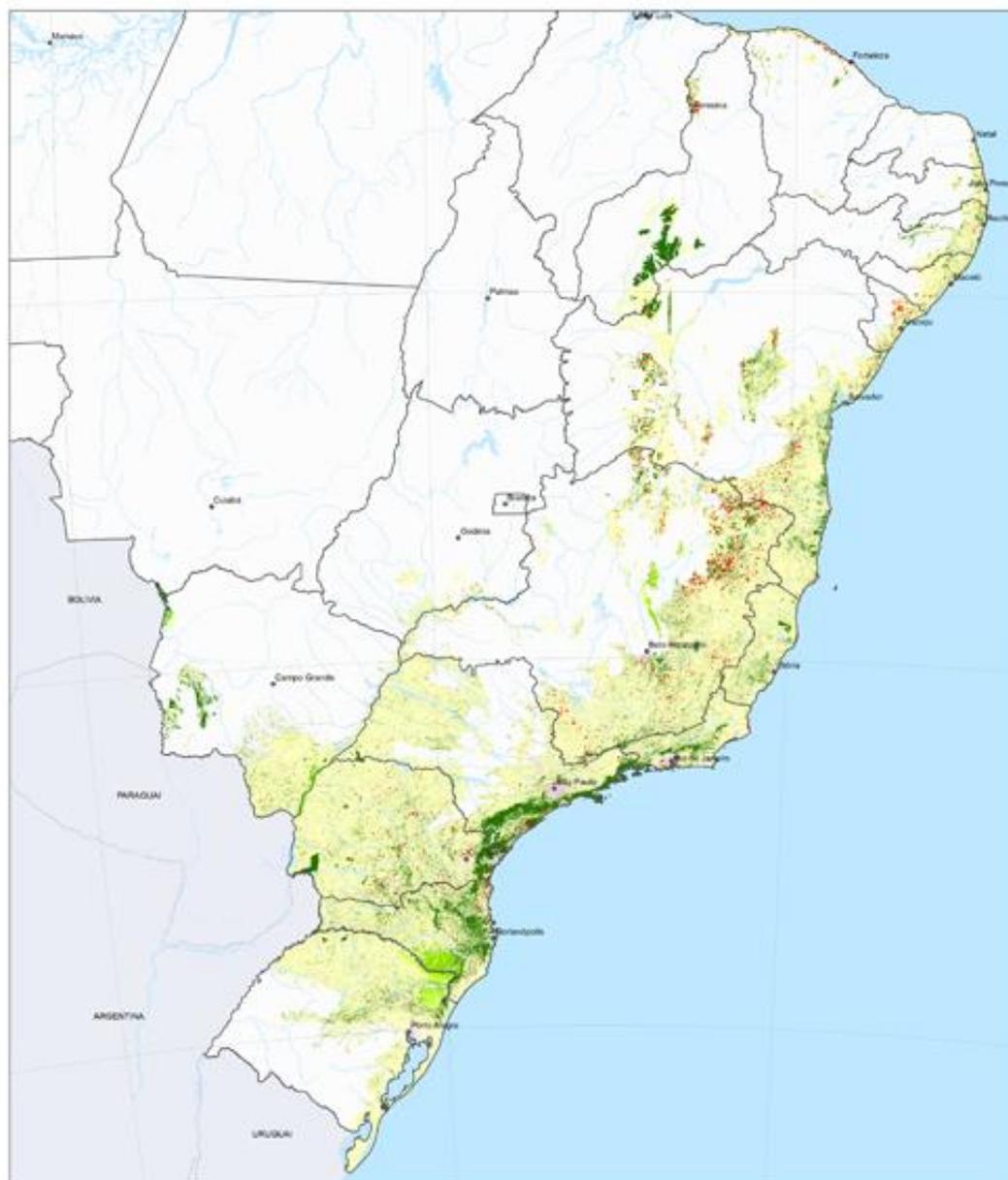
Ecosistemas presentes: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Importância da preservação: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## ANEXO VI

### MAPA PARA FINALIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2: AS FLORESTAS BRASILEIRAS

Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica 2011-2012



CHARGE “CERRADO” PARA O ROTEIRO DE PESQUISA: SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3: OS CERRADOS DO BRASIL CENTRAL

